



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FE

STÉPHANE MACIEL DE OLIVEIRA

PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Brasília-DF
2015

STÉPHANE MACIEL DE OLIVEIRA

PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Trabalho Final de Curso apresentado como pré requisito para a obtenção de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB, sob orientação da Professora Doutora Rosângela Azevedo Corrêa.

Brasília–DF

2015

STÉPHANE MACIEL DE OLIVEIRA

PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Trabalho Final de Curso apresentado como pré requisito para a obtenção de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB, sob orientação da Professora Doutora Rosângela Azevedo Corrêa.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Rosângela Azevedo Corrêa (Orientadora)
Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Cristina Maria Costa Leite
Universidade de Brasília

Prof.^a Dra. Claudia Valéria de Assis Dansa
Universidade de Brasília

Dedico este trabalho a Deus que sempre me guia para o melhor.
Aos meus pais, Cláudia e José, que não mediram esforços para que eu chegasse até aqui.
Ao meu amado companheiro, Alessandro, que esteve ao meu lado durante toda essa
trajetória.
A todos os alunos e professores que tornaram possível essa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus por minha vida, família e amigos. Por ser minha força, minha luz e paz.

Aos meus pais pelo amor e incentivo. Por tudo que passaram até aqui para fazerem de mim o que sou hoje. Pelas horas de desabafo e escuta sobre os trabalhos acadêmicos. Vocês são tudo pra mim. São onde me espelho e me apoio.

Ao meu companheiro Alessandro pelo apoio e carinho, mesmo nas horas difíceis.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a. Rosângela Azevedo Corrêa pela confiança, apoio e orientação. Pelo carinho e paciência durante todos esses semestres.

Aos meus amigos da UnB, Joseane Milksa, Joel Mota, Natielle Thainá e Isabela Freitas, companheiros de vários trabalhos e irmãos na amizade, que fizeram parte da minha formação e que irão continuar presentes em minha vida.

A todos que de forma direta ou indiretamente fizeram parte da minha trajetória acadêmica, dedico-lhes o meu carinho e amor.

RESUMO

O presente trabalho pretende refletir acerca da percepção sobre o Cerrado na Educação de Jovens e Adultos. O objetivo principal foi analisar a percepção dos discentes de EJA de uma escola rural no Centro de Ensino Fundamental Engenho das Lages-Gama em comparação com a percepção dos discentes de uma escola urbana Centro de Ensino Fundamental nº 404- Samambaia sobre o Cerrado, para ver se há diferenças nesta percepção. Nossa hipótese foi que a proximidade ou a distância do Cerrado faz com que as pessoas tenham mais ou menos conhecimento sobre a sociobiodiversidade deste bioma e os problemas existentes na atualidade. Neste sentido, nos propusemos a analisar a relação dos discentes com o Cerrado no seu cotidiano; verificar se os discentes reconhecem a importância do Cerrado a partir do que aprendem na escola; analisar como os materiais didáticos utilizados na EJA representam o Cerrado e como isto afeta a percepção dos estudantes. Realizamos visitas frequentes as duas escolas e entrevistas semi-estruturadas com um total de 278 discentes, sendo 139 de cada uma. Verificamos que os discentes das duas escolas têm percepções e compreensões diferenciadas do que seja o Cerrado em relação a sua composição, seu valor e sua importância no cotidiano. No ambiente rural os discentes se percebem como parte do cerrado, são capazes de descrevê-lo com mais detalhes e o valorizam como espaço de vida, enquanto na área urbana há pouco conhecimento de sua composição, nenhum sentido de pertencimento e uma rejeição ao Cerrado como ambiente natural e espaço de vida. Isto nos leva a crer que o ambiente em que se encontram, seja rural ou urbano, interfere nesta percepção. Entretanto em nenhum dos dois ambientes os estudantes tem conhecimento sobre a existência dos povos indígenas do Cerrado. Em nenhum dos dois ambientes a ação docente parece interferir muito nas representações dos estudantes e os materiais didáticos utilizados oferecem uma visão superficial que parece funcionar como limitadora desta percepção. Esta deficiência parece ser suprida no ambiente rural pela vivência e pela troca com os mais velhos, o mesmo não acontecendo no ambiente urbano, o que nos leva a reforçar nossa hipótese inicial.

Palavras-chave: Percepção, Cerrado, Educação Ambiental, Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

This The present work reflects about the perception of the Cerrado in the Youth and Adult Education. The main objective was to analyze the perception of students of EJA of a rural school in Elementary Education Center Engenho das Lages-Gama compared to the perception of students of an urban school Elementary Education Center N° 404-Samambaia, about Cerrado, to see if exist differences in this perception. Our hypothesis was that the proximity or distance of the Cerrado makes people have more or less knowledge about the socio-biodiversity of this bioma and the existing problems today. In this sense, we set out to examine the relation of students with the Cerrado in their daily lives; verify that the students recognize the importance of Cerrado from what they learning in school; analyze how the didactic materials used in adult education represent the Cerrado and how this affects the perception of students. We made frequent visits to the both schools and semi-structured interviews with a total of 278 students, with 139 of each one. We found that the students of the two schools have different perceptions and understandings of what the Cerrado in relation to its composition, its value and its importance in daily life. In the rural ambient the students perceive themselves as part of the cerrado, are able to describe it in more detail and value it as living space, while in urban areas there is little knowledge of its composition, no sense of belonging and a rejection of the Cerrado as natural ambient and living space. This leads us to believe that the ambiental which they are include, rural or urban, interferes with this perception. However in either ambiental students are not aware of the existence of the indigenous people of the Cerrado. In neither schol the teaching action seems to interfere too much in the representations of the students and the didactic materials used offer a superficial view that seems to work as limiting this perception. This deficiency appears to be supplied in the rural ambient by the experience and by the exchange with the elderly, this is not happening in the urban ambiental, which leads us to reinforce our initial hypothesis.

Keywords: Perception, Cerrado, Environmental Education, Youth and Adults Education .

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1- Localização do Centro de Ensino Fundamental nº 404 em Samambaia	31
Imagem 2- Localização CEF404- Parque Gatumé- Parque Três Meninas	47
Imagem 3- Parque Gatumé	48
Imagem 4- Parque Três Meninas	49
Imagem 5- Casinhas das três meninas	49
Imagem 6- Localização do Centro de Ensino Fundamental Engenho das Lages no Núcleo Rural Engenho das Lages	52

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Sexo dos Discentes	32
Gráfico 2- Faixa Etária dos Discentes	33
Gráfico 3- Local de residência dos Discentes	35
Gráfico 4- Suficiência dos conhecimentos ensinados na escola sobre o Cerrado.....	39
Gráfico 5- Gosto dos discentes pelo Cerrado	41
Gráfico 6- Gosto dos discentes pelos frutos do Cerrado	43
Gráfico 7- Conhecimento dos discentes sobre os animais do Cerrado.....	45
Gráfico 8- Conhecimento dos discentes sobre as plantas do Cerrado	46
Gráfico 9- Uso de plantas medicinais do Cerrado por parte dos discentes	47
Gráfico 10- Faixa Etária dos Discentes	53
Gráfico 11- Local de residência dos Discentes	55
Gráfico 12- Suficiência dos conhecimentos ensinados mediante a avaliação dos discentes.....	58
Gráfico 13- Gosto dos discentes pelos frutos do Cerrado	59
Gráfico 14- Conhecimento dos discentes sobre os animais do Cerrado.....	60
Gráfico 15- Conhecimento dos discentes sobre as plantas do Cerrado	61
Gráfico 16- Uso de plantas medicinais do Cerrado por parte dos discentes	62
Gráfico 17- Realização de atividades no Cerrado por parte dos discentes.....	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Local de nascimento dos discentes	34
Tabela 2: Definição do Cerrado segundo os discentes	38
Tabela 3: O que os discentes estudaram sobre o Cerrado	40
Tabela 4: Conhecimento dos discentes sobre os povos indígenas que vivem no Cerrado	44
Tabela 5: Problemas existentes no Cerrado segundo os discentes	50
Tabela 6: Local de nascimento dos discentes.....	54
Tabela 7: O que é o Cerrado segundo os discentes.....	57
Tabela 8: Conhecimento dos discentes sobre os povos indígenas que vivem no Cerrado	62
Tabela 9: Problemas existentes no Cerrado segundo os discentes.....	65

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEF – CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL
CEFEL – CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL ENGENHO DAS LAGES
CNE – CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
DF – DISTRITO FEDERAL
EA – EDUCAÇÃO AMBIENTAL
EJA – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
FNDE – FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
IBRAM – INSTITUTO BRASÍLIA AMBIENTAL
MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PIBIC - INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
SEGETH – SECRETARIA DE ESTADO DE GESTÃO DO TERRITÓRIO E HABITAÇÃO
SOE – SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL
SLU – SERVIÇO DE LIMPEZA URBANA
UnB – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

SUMÁRIO

Memorial.....	14
Introdução	19
Referencial teórico	23
Percepção Ambiental na Educação de Jovens e Adultos no Centro de Ensino Fundamental nº 404.....	31
Percepção Ambiental na Educação de Jovens e Adultos no Centro de Ensino Fundamental Engenho das Lages	52
Análise comparativa sobre a percepção dos discentes de uma escola urbana com os discentes de uma escola rural	66
Considerações Finais	68
Perspectivas Profissionais.....	70
Referências Bibliográficas	71
Anexo.....	73

MEMORIAL

Caro leitor, ao me deparar com a problemática de escrever um memorial, refletindo sobre a própria trajetória, confesso, me senti um pouco acanhada. Porque falar da própria trajetória é tão difícil? Porque eu nunca tive que pensar e escrever sobre minha própria história antes, isso me fez ter que voltar no tempo e rever o meu processo de aprendizagem.

Sou Stéphanie Maciel de Oliveira, nasci no dia 02 de dezembro de 1994 em Brasília. Advenho de uma família de classe média, filha de funcionários públicos, Cláudia e José. Assim que meus pais casaram vieram morar em Samambaia no Distrito Federal; a cidade ainda era nova e pequena, onde todos se conheciam. Logo veio meu irmão mais velho, Hudson; após dois anos nasci e assim pude completar esse lar e ter uma infância feliz. A minha infância foi maravilhosa, ao lado de meu pai, minha mãe, meu irmão e amigos. Como morávamos em um lugar sossegado, podíamos brincar a vontade na rua.

Comecei a frequentar com três anos o ambiente escolar numa escolinha chamada Evoluindo nesse Tesouro, no entanto, eu já tinha aprendido com a minha mãe noções de lateralidade, cores e alguns números, facilitando a base necessária aos anos iniciais da educação. Apesar do primeiro contato com a escola causar estranhamento para muitas crianças, uma vez que há uma quebra do convívio cotidiano com os pais, foi fácil a minha inserção na escola, posto que já estava acostumada a acompanhar minha mãe a levar meu irmão mais velho ao colégio.

Na primeira série mudei de escola, passei a frequentar a Favo de Mel, pertinho de casa. A escola tinha uma ótima estrutura, era bem colorida, um espaço bastante acolhedor. Na segunda série minha professora percebeu que eu estava muito além da turma e propôs aos meus pais que eu fizesse vivência na terceira série para ver se havia possibilidade de fazer dois anos em um. Após um mês de vivência fui contemplada para a terceira série, ficando adiantada um ano, sem problemas para adaptar-me a esta nova fase. Lá pude fazer novas amizades, embora sentisse falta da turma anterior.

Na terceira série comecei a estudar no colégio Vital Brazil, onde cursei maior parte do ensino fundamental. Continuava perto de casa, mas a estrutura da escola não era tão agradável; parecia um presídio, com muros altos, cor de cimento. Todos os dias antes das aulas, os alunos de todas as turmas se reuniam no pátio da escola organizados

em fileiras e com a mão no peito ou para trás iniciávamos o hino nacional, mal sabíamos a letra. Uma das professoras que me marcou nessa época foi a Talita, muito carinhosa com seus alunos. Ela sempre me incentivava a participar das aulas e apresentações da escola; foi quando tive uma grande empolgação para apresentações em datas comemorativas, a qual sempre estava à frente. Gostava de montar e ensaiar coreografias, dramatizações, etc. Os professores detectaram em mim um espírito de liderança muito forte, o que me ajudou nos estudos e trabalhos, contudo muitas vezes me atrapalhou com relação as amizade, porque muitas vezes fui compreendida como autoritária por parte dos colegas de aula.

Outra professora que mais tarde me marcou foi a Shirley de Ciências, vista como carrasca pela maioria dos alunos. Explicava os conteúdos super bem, mas seus trabalhos e seminários amedrontavam porque ela era exigente, cobrando uma ótima explicação e domínio dos textos. Era difícil conseguir a pontuação esperada; foi assim que tomei gosto por desafios.

Na quinta série fui transferida de escola; como mamãe trabalhava em escola particular como orientadora educacional e havia ganhado bolsa de estudo para os filhos, tivemos que estudar no Brasil Central em Taguatinga. A mudança da localização da escola alterou a distância do percurso de todas as manhãs, assim tínhamos que acordar mais cedo para chegar até lá, o que influenciou em minha disposição em sala de aula. Alguns professores avisaram para minha mãe que eu estava muito sonolenta durante as primeiras aulas, nada que afetasse nos resultados, porém, mamãe sempre nos acompanhou e exigiu bons desempenhos escolares.

Como minha mãe havia saído da escola Brasil Central, no ano seguinte retornei ao Vital Brazil aonde estudei a 6º e a 7º série. Pude rever os amigos e professores que contribuíram para minha aprendizagem. Na oitava série mudei para o CCI, também em Samambaia, por ter ganhado bolsa de estudo. A escola era bastante diferente, tanto por sua dinâmica como estrutura. Os alunos mudavam de sala de aula e não os professores. A maioria dos colegas elogiava esta dinâmica, contudo eu sempre achei muito bagunçado, muitos alunos acabavam matando aula nessas trocas de sala e tínhamos aula até no sábado. Também senti diferença quanto aos conteúdos, pois cobravam matérias que eu já tinha visto na série anterior, logo, eu dominava os conteúdos. Nesse âmbito o professor Marcelino de Geometria convidou três alunos da sala para ter aulas no domingo e monitorar os colegas de classe no horário normal das aulas. Esse contexto

me auxiliou muito para ser aceita pela turma, posto que a sofri *bullying* por ser muito magra na época, além de ser colocada como *nerd*; isso me deixava tímida e reprimida. Com a monitoria, os colegas de classe começaram a tirar dúvidas comigo e acabaram me incluindo mais nas conversas e brincadeiras. A oitava série não foi nada estimulante para mim, os problemas com a turma vieram, a separação dos meus pais se concretizou e a dificuldade com o inglês surgiu.

Por todo o ensino fundamental, mamãe esteve presente nas escolas, acompanhando meu desempenho, auxiliando nos trabalhos e atividades, de modo que criei um hábito de estudo desde muito cedo. Minha mãe sempre cobrou notas altas e bom comportamento. Ganhei vários Honra ao mérito, contudo quando chegava na reunião de pais, sempre escutava sobre a tal da conversa paralela que sempre me acompanhou.

No Primeiro ano do Ensino Médio mudei para o colégio Ideal em Taguatinga, um dos melhores da minha trajetória escolar, apesar de ter estudado apenas um ano. Depois mudei para o Gama e assim tive que mudar de escola também. Fui para o JK, onde concluí meu ensino médio. Aprendi a conciliar o ato de estudar com fazer amizade, o qual me fez mais popular, tanto que no segundo ano fui eleita a representante da turma. No terceiro ano fechei com chave de ouro, minha turma ganhou a gincana, a qual nos dedicamos muito.

Considero que todas as mudanças de escolas não prejudicaram a minha aprendizagem. Por toda minha trajetória escolar procurei orgulhar meus pais, especialmente, minha mãe. Apegada aos exemplos dela e de meus professores, segui em frente, decidida a ser uma profissional da educação.

Após concluir o Ensino Médio no ano de 2011, me dediquei a passar no vestibular da Universidade de Brasília. Meu irmão e alguns primos já haviam ingressado, então, o desejo era ainda maior. Em 2013 ingressei na UnB para cursar Pedagogia.

No primeiro dia de aula fiquei bastante ansiosa, como se fosse uma criança que ia pela primeira vez à escola. Lembro que não sabia nem onde estava localizada a Faculdade de Educação.

Quando cheguei à Universidade me deparei com um mundo diferente, com espaços divergentes e pessoas diferentes. As amigadas logo vieram; todos a contribuir, não sabiam a competição que havia ali. Logo nos primeiros dias percebi que a visão dos

estudantes quanto à pedagogia se continha a gostar de crianças, cuidar delas como se fossem babás; não enxergavam a amplitude do curso de Pedagogia. Ingressei no curso com o olhar focado para alfabetização no ensino especial, mas me apaixonei pela educação ambiental, mudando assim minhas escolhas. Quando fiz a disciplina de Fundamentos da Educação Ambiental no segundo semestre, pude compreender a amplitude da temática e a sua ligação com a Ecologia Humana, o que nos permite conectar com o nosso interior na busca do equilíbrio, paz e amor entre todos os seres vivos e não vivos.

A cada semestre tenho aprendido mais e mais. Todas as disciplinas que estudei até o momento contribuíram para o meu aprendizado, mas algumas se destacaram mais como Antropologia e Educação, a qual ampliou meu olhar sobre o multiculturalismo, me preparando para a docência; Fundamentos da Educação Ambiental, a qual me concebeu uma percepção sobre o cuidado, a preservação e a educação sobre a sociobiodiversidade do Cerrado; Ensino e Aprendizagem da Língua Materna, que meu deu base para lidar com situações do cotidiano da alfabetização, considerando a sociolinguística; Educação de Adultos, que auxiliou no entendimento do perfil dos estudantes de EJA, o que me facilitou quando fiz o estágio e Didática, a qual desenvolveu suportes metodológicos fundamentais para docência. Nessa perspectiva, todas as disciplinas foram importantes e afloraram novas ideias em mim, fortificando de maneira muito significativa o meu futuro profissional, pude aproveitar o máximo de cada uma. Adquiri ótimos resultados, apesar dos momentos de desespero, com tantas coisas pra estudar e conciliar casa, marido e estudo.

Acredito que as aprendizagens adquiridas com os estágios foram de suma importância, pois contribuíram para minha formação como uma futura profissional da educação. Chamou-me atenção tanto no Centro de Ensino Fundamental do Engenho das Lages (CEFEL), escola rural localizada no Gama, quanto no CEF 404 de Samambaia, escola urbana, que os discentes da EJA demonstraram muito respeito por mim até me chamando de “senhora” com apenas 20 anos. Também tive a admiração por parte dos educadores e diretores que me incentivaram a passar em concurso para assumir um cargo efetivo nas escolas.

Desde o segundo semestre pude acompanhar a realidade da educação de jovens e adultos, através da minha participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) durante o ano de segundo semestre 2013 e primeiro de 2014,

orientada pela Professora Rosângela Azevedo Corrêa. Investigamos sobre a Alfabetização Ecológica na EJA no Centro de Ensino Fundamental Engenho das Lages no Núcleo Rural Engenho das Lages, Gama-DF e ganhamos Menção Honrosa por este trabalho no 11º Congresso de Iniciação Científica do DF e 20º Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília.

Sei que a experiência das disciplinas, estágios, iniciação científica, pesquisas de campo e monitorias me capacitaram e me conduziram a repensar a educação e a docência. Isso tudo devo a UnB, aos professores que contribuíram para meu sucesso e que me acompanharam nessa trajetória acadêmica, em especial, a Professora Doutora Rosângela Azevedo Corrêa, que por todo esse tempo me auxiliou, com toda compreensão e dedicação, me orientando e sempre me incentivando a fazer o melhor.

Hoje percebo quantos degraus já foram alcançados, quantas pedras já ficaram pra trás, quantas visões já foram mudadas.

Por fim, quando eu falava que iria fazer Pedagogia, muitas pessoas diziam: “mas você é tão inteligente, dedicada, porque não faz outro curso?”. Nota-se que tais pessoas não possuem noção da amplitude desse curso. Hoje percebo a riqueza que é a formação na Pedagogia, o que me realiza, o que me permitirá fazer a diferença na vida de outros, assim como muitos professores fizeram e fazem na minha vida.

INTRODUÇÃO

O tema da presente monografia é sobre a Percepção Ambiental na Educação de Jovens e Adultos em duas escolas no Distrito Federal, o Centro de Ensino Fundamental nº 404 em Samambaia e o Centro de Ensino Fundamental Engenho das Lages no Núcleo Rural Engenho das Lages no Gama.

O perfil dos discentes da Educação de Jovens e Adultos é bem peculiar, formado por jovens e adultos que estavam fora da educação básica e se encontram, como aponta Oliveira (1999), na condição de excluídos da escola regular e na condição de não-crianças, em geral, são adultos trabalhadores.

Oliveira retrata esses adultos como, geralmente, migrantes que chegam às cidades grandes provenientes de áreas rurais empobrecidas, filhos de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar, quando não, analfabetos. Adultos que possuem uma passagem curta pela escola, que trabalham em ocupações urbanas não qualificadas, depois de experiências no trabalho rural em sua infância e na adolescência. Buscam a escola tardiamente para alfabetizar-se (1999: 59).

Um outro perfil são os jovens que estudaram em algum momento da infância e tiveram que abandonar o estudo ou reprovaram várias vezes. Esses são os sujeitos que retornam aos bancos escolares, já possuem experiência nesse contexto, mesmo que conturbada, marcada por uma relação conflituosa com as rotinas escolares. Ainda segundo Oliveira, esses jovens foram excluídos da escola, mas retornam em fases mais adiantadas da EJA. Esses jovens estão mais ligados ao mundo urbano, envolvidos em atividades de trabalho e lazer mais relacionadas com a sociedade letrada, escolarizada e urbana (1999:60).

No PIBIC realizei a pesquisa Alfabetização Ecológica na EJA no Centro de Ensino Fundamental Engenho das Lages no Núcleo Rural Engenho das Lages, Gama-DF, com discentes dos três segmentos da EJA, onde ministrei aulas a partir da proposta da Alfabetização Ecológica: ABCERRADO sob a coordenação da Profa Rosângela Corrêa da Faculdade de Educação/UnB. Partimos da ideia de que a educação para os seres humanos deve ser através da natureza; o que não significa educar o ser humano para o domínio e a apropriação da natureza, mas de educar a humanidade para ser capaz de trocar e de aprender com a natureza, nesta pesquisa procuramos saber quais os conhecimentos que 139 discentes de toda a escola tinham sobre o Cerrado e sobre a

região e a cidade onde vivem. A maioria não sabia definir o Cerrado, mas demonstraram conhecimentos sobre as plantas, os frutos e os animais do bioma. Baseado em senso comum, suas concepções são de que o Cerrado é seco, fraco e infértil, essa imagem coincide com a visão que se tem em geral sobre o Cerrado:

O Cerrado, como antes aconteceu com a Mata Atlântica, foi e é erroneamente visto como um ‘embaraço de árvores tortas’ que deve ser superado; é divulgado como ecossistema de solo pobre que pode ser ‘corrigido’ para ser útil à monocultura e é, amplamente, apresentado como o ‘celeiro do mundo’ (SILVA *et al.* 2012:4).

Os discentes não conhecem os povos indígenas que vivem no Cerrado nem tampouco a história da sua ocupação porque na escola os professores discutem apenas a necessidade de preservação e cuidado da natureza sem fazer nenhuma referência específica sobre o Cerrado.

Após essa pesquisa, ministramos aulas no primeiro segmento, especificamente na 1ª e 2ª série com um total de 25 discentes. O objetivo dessas aulas era alfabetizá-los a partir das plantas e animais do Cerrado e a matemática através da metodologia proposta no dvd Alfabetização Ecológica: ABCERRADO. Ao término destas aulas, realizamos uma nova pesquisa onde pudemos perceber mudanças na forma em que os estudantes passaram a ver o Cerrado: 100% consideraram que era importante tratar sobre as questões ambientais na escola; eles afirmaram que sua visão sobre o Cerrado mudou porque são capazes de descrevê-lo, valorizar a sua importância no Brasil e preservá-lo. Para isso estariam dispostos a colaborar, evitando poluição, desmatamento e queimadas, plantando árvores nativas e informando a um maior número de pessoas da comunidade sobre a situação atual do Cerrado. Ficou explícita uma maior valorização, respeito e desejo de proteger o Cerrado. Todos os estudantes gostaram das aulas e afirmaram o desejo de continuar aprendendo sobre o Cerrado para conhecê-lo mais; afirmando que aprender sobre as plantas e animais do Cerrado também os ajudaram a aprender a ler e escrever melhor.

Dai que nos animamos a focar o tema da presente monografia sobre a percepção dos discentes a respeito do Cerrado em duas escolas com ambientes distintos, uma na área rural e outra na área urbana.

-Os discentes da EJA sabem e reconhecem a importância do Cerrado?

-Existe diferença na percepção sobre o Cerrado dos discentes em uma escola rural em relação aos discentes de uma escola urbana?

Partindo do problema acima, definimos que o objetivo geral nesta monografia é analisar a percepção dos discentes de EJA de uma escola rural, em comparação com a percepção dos discentes de uma escola urbana sobre o Cerrado.

Nossa hipótese é que a proximidade ou a distância do Cerrado faz com que as pessoas tenham mais ou menos conhecimento sobre a sociobiodiversidade deste bioma e os problemas existentes na atualidade.

Os objetivos específicos são:

- 1) Analisar a relação dos discentes com o Cerrado no seu cotidiano;
- 2) Verificar se os discentes reconhecem a importância do Cerrado a partir do que aprendem na escola;
- 3) Analisar os materiais didáticos utilizados na EJA.

É importante o ser humano conhecer a natureza, em especial o ambiente que o rodeia, tendo em vista que só respeitamos e admiramos aquilo que conhecemos, mas esse conhecimento vai além da fauna e flora do cerrado como normalmente é visto nas aulas de geografia e ciências. As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Ambiental propõem acrescentar não apenas conteúdos sobre a temática ambiental e sua relação com as diversas áreas do conhecimento, mas também na formação crítica do indivíduo, fortalecendo a ética, política e o papel social para a construção da cidadania:

Ocorre que, em sua práxis pedagógica, a Educação Ambiental envolve o entendimento de uma educação cidadã, responsável, crítica, participativa, onde cada sujeito aprende com conhecimentos científicos e com o reconhecimento dos saberes tradicionais, possibilitando a tomada de decisões transformadoras a partir do meio ambiente natural ou construído no qual as pessoas se inserem. (BRASIL 2012 p.2).

Sendo assim, é preciso que a escola incorpore no seu projeto político pedagógico a Educação Ambiental que como menciona a Declaração de Hamburgo sobre a Educação de Adultos (1997). A EA é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça.

É preciso formar sujeitos ecológicos, capazes de cuidar do ambiente do qual fazem parte e estabeleçam uma relação de reciprocidade; para isso precisariam mudar sua concepção de um ambiente feio, inútil e seco como o que normalmente se fala sobre o Cerrado. Dai a importância de investigarmos sobre a percepção dos discentes e podermos contribuir numa nova relação indivíduo-Cerrado-comunidade.

Empregar-se-á método de natureza exploratória, posto que há pouco conhecimento acumulado e sistematizado na área da percepção, pois como pontua Marin (2008), os estudos sobre percepção ambiental no campo da educação ambiental são iniciativas que podemos considerar relativamente novas, se comparadas à inserção da temática em outros campos de conhecimento, como a psicologia e a geografia.

A percepção ambiental, como destaca Cunha e Leite (2009), deve ser estudada através de pesquisas qualitativas para obtenção de resultados mais próximos a realidade, posto que seu foco de interesse é amplo. A obtenção de dados descritivos se dá mediante o contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo para entendimento dos fenômenos estudados (NEVES, 1996, apud, CUNHA e LEITE, 2009, p. 70). Teremos como fio condutor as técnicas qualitativas de investigação que se caracterizam pela forma mais detalhada e profunda para a compreensão de um fenômeno que no presente caso será sobre as percepções dos discentes.

Para cumprir os objetivos nesta monografia realizamos visitas frequentes às duas escolas e realizamos entrevistas semi-estruturadas, uma vez que possibilitam identificar informações não disponíveis em outras fontes, além de estabelecer uma maior interação entre o entrevistador e entrevistado.

REFERENCIAL TEÓRICO

Atualmente são frequentes conversas, debates e discussões, no mundo inteiro, acerca do meio ambiente, a intervenção do ser humano sobre o mesmo e a necessidade de equilíbrio entre economia e meio ambiente. Por conseguinte, a questão ambiental se torna cada vez mais importante. Contudo, os diálogos e as ações adotadas, até o momento, por governos e indivíduos, ainda não foram suficientes para frear a crescente degeneração socioambiental no planeta, aproximando nossa sociedade de um iminente caos ambiental, como nos alertam Cunha e Leite (2009).

À vista disso é indispensável compreender a relação do ser humano com a natureza ao invés de simplesmente apontar os problemas atuais. Penteados nos alerta sobre:

O surgimento de problemas sócio-ambientais como ameaçadores à sobrevivência da vida na Terra é um fenômeno relativamente novo para a humanidade. A medida em que o ser humano se distanciou da natureza passou a encará-la, não mais como um todo em equilíbrio, mas como uma gama de recursos disponíveis, capazes de serem transformados em bens consumíveis. Em poucas décadas eram muitos os sintomas que indicavam que este modelo não era sustentável. Primeiro, os recursos naturais são finitos e insuficientes para alimentarem as crescentes demandas das sociedades de consumo. Segundo, o bem-estar sedutor e ilusório do consumo, só é vivido por uma pequena parcela da população humana, pois a maioria luta apenas para sobreviver, tendo que enfrentar, agora, os graves problemas ambientais causados pelo próprio modelo econômico (1997:4).

O capitalismo é responsável por grande parte dos problemas socioambientais que ameaçam a sobrevivência da vida na Terra e, lamentavelmente, vem sendo mantido pelas próprias pessoas que visualizam uma dimensão sobre as consequências causadas pela degradação ambiental, olhando apenas para os benefícios diretos e pessoais, ignorando todo o resto. Dentro do capitalismo a natureza significa uma gama de recursos disponíveis, capazes de serem transformados em bens consumíveis, descartáveis, resultando em uma exploração descontrolada da natureza, fruto da cultura do consumo, acelerando a produção econômica, que se iniciou com a revolução industrial.

Figueiredo (2001) relata que, segundo pesquisadores e pensadores da atualidade, a lógica capitalista é justamente a responsável pelo uso predatório dos recursos naturais, pela exploração e exclusão social e pela submissão da maior parcela da população aos interesses de parcelas menores (grupos sociais, nações ricas e militarmente poderosas).

Essa lógica de dominação exclui ainda qualquer possibilidade de solidariedade entre os povos, além de pôr em risco as possibilidades das sociedades futuras. Com relação às perspectivas futuras, a escassez dos elementos naturais não renováveis, energéticos e materiais e a contaminação e a exclusão de amplos espaços do nosso limitado planeta impõem um prognóstico sombrio para as sociedades futuras, a menos que novos valores, concebidos numa rígida perspectiva de sustentabilidade, substituam os atuais, centrados na virtualidade da atual racionalidade econômica. Porém não adianta pensar em gerações futuras se não nos reconhecermos como pertencentes à natureza e co-responsáveis pela continuidade, tendo em vista que a relação entre nós e ela se dá pela reciprocidade.

Diferentes estudos direcionados aos problemas ambientais têm apontado a influência humana como fator determinante de mudanças na dinâmica dos ecossistemas, provocando desequilíbrios nos biomas que afetam não apenas a biodiversidade e as condições climáticas de determinada região estudada, como também aos seres humanos e o seu modo de vida, comprovando a veracidade do proposto por Sánchez ao defender que as ações humanas no ambiente repercutem sobre os fatores sociais, econômicos e culturais de uma população (2008, apud SANTOS et al., 2013).

Os efeitos das ações humanas no planeta Terra nos levaram a uma crise ambiental que atinge todos os seres vivos e não vivos do nosso planeta, afetando o equilíbrio de todo o sistema planetário. Essa crise é fruto da ação humana: as sociedades contemporâneas têm sido ignorantes e negligentes em suas ações devido a intensa utilização de recursos não renováveis; o consumismo exacerbado e a contínua degradação ambiental como a poluição das águas provocadas pelo lixo e despejo de esgotos; poluição do ar provocada pela queima de combustíveis; as queimadas para dar lugar a pasto e agricultura; o desmatamento como forma rápida de lucro com a venda da madeira, acarretando na diminuição e extinção de espécies de plantas e animais; o assoreamento de rios; o aquecimento global; a diminuição da camada de ozônio, etc.

Quando falamos em Crise Ambiental, Sá e Corrêa nos dizem que “o sentido que está implícito é que a crise de nossa sociedade é decorrente de um erro na nossa relação com a natureza, um erro de percepção quanto ao modo em que estamos envolvidos com o mundo natural do qual somos parte integrante” (2012:2), portanto, a crise ambiental é uma crise de nossa sociedade.

Capra (2006) afirma que os problemas precisam ser vistos, exatamente, como diferentes facetas de uma única crise, que é, em grande medida, uma crise de percepção, portanto, a crise ambiental é reflexo de uma crise de percepção.

Segundo Santos et al. (2013), o atual contexto de crise mundial remete para o quanto são pertinentes os questionamentos referentes ao modo de relacionamento estabelecido entre os seres humanos e os elementos que os cercam. Baseados na lógica capitalista e em paradigmas que refletem o crescimento econômico, acima dos princípios da precaução e dos direitos humanos, dizimamos a biodiversidade e degradamos os ecossistemas, sem atentar para o que Altvater destaca de que a "exploração frequente é uma questão de dias, enquanto a recriação é uma questão de décadas" (2006 apud Santos et al., 2013).

Corrêa e Sá (2012) analisam que a crise atual é fruto de condições patológicas, isto é, de uma espécie de doença coletiva que contaminou a consciência humana, levando-nos a destruir nossas condições de sobrevivência e reprodução, assim como as dos outros seres do planeta. Daí pode-se falar de três ecologias, quer dizer, de uma ação educativa simultânea em três níveis, visando à correção dos modos de ser que se tornaram doentios e causaram a crise atual. Os três níveis dizem respeito primeiro à promoção e ao autoconhecimento do indivíduo, para se autotransformar a partir de novos comportamentos e práticas; segundo, à relação e ao convívio entre os indivíduos, motivando a verdadeira cidadania através da ajuda mútua e a solidariedade; o terceiro, às relações entre nós e os demais seres vivos, compreendendo-as de forma a contribuir na preservação e conservação do planeta.

Esse desequilíbrio dos ecossistemas reflete em um desequilíbrio da mente, ou seja, a crise ecológica é, em todos os sentidos, uma crise de educação (CAPRA, 2006), mas não está meramente na educação:

a crise é um momento de tomar consciência de tudo aquilo que vinha sendo feito de modo automático e repetitivo, de assumir coletivamente a construção de nossa vida comum e buscar soluções inovadoras antes que os problemas do presente se tornem irreversíveis. Logo, a educação se torna um meio de acionar a capacidade inventiva e criadora das pessoas, sejam jovens, adultos ou idosos, partindo de uma auto-educação (SÁ & CORRÊA, 2012: 2).

A educação ambiental surge justamente para reparar a relação desarmônica entre os seres humanos e dos seres humanos com os demais seres vivos e não vivos, restaurando o equilíbrio através da sensibilização e mobilização dos cidadãos. A educação ambiental a partir da perspectiva da Ecologia Humana, relatada por Dansa *et.*

al. (2014) orienta o indivíduo a se conhecer e reconhecer o ecossistema, para que ele aprenda com o ambiente e consigo mesmo. O indivíduo sensível para as questões ambientais é capaz de modificar ações, transformar valores e auxiliar na produção de conhecimentos. Como Beisiegel destaca, o indivíduo precisa ser capaz de transcender os condicionamentos materiais e culturais de sua existência, enquanto ser apto a interferir criadoramente na determinação de seus modos de vida (1992, p.29).

Segundo Quintas (2001) o esforço da educação ambiental deveria ser direcionado para a compreensão e a busca de superação das causas estruturais dos problemas ambientais por meio da ação coletiva e organizada. A leitura da problemática ambiental realiza-se sob a ótica da complexidade do meio social e o processo educativo deve pautar-se por uma postura dialógica, problematizadora, comprometida com transformações estruturais da sociedade e de cunho emancipatório. A educação ambiental surge como uma nova forma de encarar o papel do ser humano no mundo.

O processo educativo deve ser problematizador e emancipatório, visando o coletivo, pois ao participar de uma transformação da sociedade, o indivíduo estará transformando-se. À vista disso, Sá e Corrêa salientam que

quando os valores e princípios de uma sociedade se encontram em crise a educação se torna também um ponto crítico. Nestas situações, as pessoas têm a sensação de estarem perdendo as referências e os valores. Nestas épocas, as pessoas precisam reorientar sua formação e seus valores, para poder aproveitar positivamente o movimento de transformação e não ser atropeladas pelas forças destrutivas que costumam se impor de início” (ibid:1).

Capra (2006) afirma que há soluções para os principais problemas de nosso tempo, algumas delas são muito simples, mas o que precisamos é de uma mudança radical em nossas percepções, no nosso pensamento e nos nossos valores. É preciso novos valores e isso só será possível através de uma educação com uma visão transformadora que ajude a compreender as causas que geram o desequilíbrio ambiental para que seja possível a busca das soluções individuais e coletivas aos problemas socioambientais, promovidas a partir da reconexão dos seres humanos com o planeta. É necessária uma ação educativa visando uma nova ética que permita uma nova forma dos humanos encararem o seu papel no mundo, buscando uma percepção mais atenta do mundo atual, uma percepção sobre o ambiente em que vivemos.

Posto que perceber o ambiente é compreender sua complexidade, a percepção ambiental consiste no modo como o indivíduo entende o meio, transpassando para suas

ações com o mesmo. Pacheco e Silva destacam que o estudo da percepção ambiental tem relevância para que possamos compreender melhor as inter-relações entre o ser humano e o ambiente, suas expectativas, suas satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas (2007 apud Cunha e Leite 2009).

Atrelada aos sentidos - como se vê o ambiente, como se sente o espaço, como se ouve a natureza, como se conecta - a percepção está associada a forma como lidamos com o espaço que no presente estudo se restringe ao Cerrado. A relação dos humanos com a natureza se dá por dominação ou por cuidado, ou seja, a forma como o indivíduo enxerga, sente e se percebe no ambiente está vinculada a maneira como percebe e se comunica com a natureza. Se a relação com a natureza for positiva, essa se traduzirá em reciprocidade, cuidado, preservação e conservação do ambiente natural. Se a relação for de dominação, propagar-se-á na soberania, no desmatamento, na degradação, na poluição, entre outras consequências desastrosas para o meio ambiente.

Destarte, a percepção ambiental vem colaborar para a consciência e prática de ações individuais e coletivas, compreendendo melhor as inter-relações entre o ser humano e o meio ambiente, suas expectativas, suas satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas (PACHECO e SILVA, 2007, apud, CUNHA e LEITE, 2009, p. 68).

Tuan (2012) discorre que os temas- percepção, atitudes e valores- preparam-nos, primeiramente, a compreender sobre nós mesmos. Sem a auto-compreensão não podemos esperar por soluções duradouras para os problemas ambientais que, fundamentalmente, são problemas humanos. Sendo a educação ambiental necessária para atribuir informações, conhecimentos, mudanças de valores e tomadas de atitudes, possibilitando novas perspectivas para a espécie humana. Tais mudanças implicam diretamente na imprescindibilidade dos estudos de Percepção Ambiental que visam o conhecimento e auto-conhecimento, tanto individuais, quanto coletivos, para decorrer em práticas e resultados eficazes na preservação e conservação da natureza. Assim, estudos nessa área são indispensáveis, posto que influenciam a relação com o ambiente e refletem nas ações dos sujeitos para com ele.

O modo como o ser humano reconhece e interage com o meio ambiente a sua volta depende da percepção ambiental, a qual segundo Melazo corresponde a um processo ativo da mente em conjunto com os sentidos. Uma vez captadas as sensações através dos cinco sentidos e valoradas por meio da cognição, norteiam as atitudes dos

indivíduos de forma consciente e inconsciente associadas com suas crenças, valores, fatores sociais, econômicos e sociais (2005 apud Santos et al. 2013).

Assim sendo, cada indivíduo percebe o ambiente conforme suas necessidades e cultura, logo, estes devem estar interligados a percepção por uma relação de reciprocidade com a natureza, baseada no respeito e cuidado. Por conseguinte, Whitehead explana que a natureza é aquilo que observamos pela percepção obtida através dos sentidos (1994 apud Cunha e Leite 2009), portanto, é importante uma orientação afetiva no tocante sensitivo, estimulando uma relação de aprendizagem e admiração.

De acordo com Pinheiro, a percepção ambiental tal como compreendida pela psicologia ambiental se desloca da percepção de objeto para horizontes de larga escala. Desse modo, uma vez que os ambientes percebidos incluem o sujeito, a percepção ambiental tende a dissolver a dicotomia sujeito e objeto, superando análises unidirecionais das relações pessoa e ambiente (1997 apud Carvalho e Steil 2013). Essa dicotomia separa e distancia o ser humano de sua essência, posto que parte da compreensão de um elemento em duas partes, além de vê-las como contrárias. A quebra dessa dicotomia traz o sentimento de pertencimento do indivíduo a natureza, assim o mesmo passa a conceber o todo buscando o equilíbrio.

Estudamos a percepção numa tentativa de explicar nossas observações do mundo que nos rodeia, isto posto, de acordo com Norberg-Schulz, nossa consciência de espaço está baseada nas experiências com as coisas e os esquemas de percepção do espaço são “determinados culturalmente e compreendem propriedades qualitativas, resultantes da necessidade de uma orientação afetiva em relação a seu entorno” (1975 apud MARIN, 2008, p. 212). Assim as pesquisas dentro dessa perspectiva proporcionam um entendimento das formas que o ser humano se mistura com o mundo, vivencia suas concretudes, se relaciona com os problemas e, coletivamente, tenta construir uma discursividade autêntica que dê conta de exprimir seus modos de viver.

Em vista disso a percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura (Tuan 2012:3).

Assim Tuan defende a atitude como primeiramente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela é formada por uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências que auxiliam o ser humano a perceber o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos; a visão de mundo é a experiência conceitualizada.

Note que há a formação de um mapa conceitual onde a percepção antecede a atitude que sobrepuja a visão de mundo, conseqüentemente precede a topofilia que é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Por acúmulo, a percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo, que influencia as atitudes e ações de um indivíduo/sociedade.

A forma como lidamos com as coisas está ligada a como as percebemos. Nossas ações estão vinculadas aos nossos valores e crenças. As atitudes estão atreladas ao olhar, a como vemos e percebemos algo. Assim, o comportamento do ser humano se dá pela conexão meio e cultura, interferindo na relação com o outro e com o espaço.

Desse jeito, Santaella explica que há um duplo movimento entre percepção e ação. Para a autora, a percepção seria a alimentação de um processo que excreta comportamentos deliberados; dito de outra forma, toda ação consciente do ser humano é motivada por aquilo que ele percebe do meio e como as ações antrópicas modificam o meio, elas retroalimentam o sistema de percepção (1998 apud Penteado e Fortunato 2010).

Carvalho e Steil (2013) nos afirmam que a percepção está relacionada ao mundo vivido e a experiência no seu sentido forte assim como o ambiente será entendido como ambiente-mundo. Por isso, como alertam Cunha e Leite (2009) os indivíduos, as comunidades e as sociedades percebem os espaços e o tempo de forma diferenciada, de acordo com suas crenças, costumes e valores. Estes vão se diferenciar de acordo com ambiente que se encontram, seja rural ou urbano.

Se o contexto que o indivíduo aplica o olhar e o percebe de maneira solidária, humanizada, transcrevendo a sintonia da natureza, não existirá desequilíbrio e teremos como resolver a atual crise ambiental.

Acreditamos que as populações que degradam o Cerrado, especialmente as urbanas, não compreendem a complexidade da situação socioambiental atual, por este motivo que a percepção apresenta-se fragmentada. Isso leva o indivíduo a pensar de forma linear que transluz não apenas um entendimento simplificado dos fenômenos,

mas também a ausência de pensamento crítico. Isto posto, amparada por Capra, defendemos que os dilemas vivenciados no bioma Cerrado são reflexos de uma crise de percepção, uma vez que

a forma de pensar os Cerrados não é consensual, mas caracterizada por uma disputa entre os que pensam como uma fronteira agrícola a ser ocupada e por aqueles que o pensam como um bioma-habitat a ser preservado. Essa dissensão não é resultado só do processo histórico de ocupação. Antes de tudo, as maneiras diferenciadas de pensar os Cerrados balizam-se nos paradigmas que alicerçam as formas de conceber o progresso técnico e a relação sociedade-natureza (Corrêa 2001: 250).

Acreditamos que a última visão tem contribuído para que o Cerrado seja um dos 34 *hotspots* mundiais que vem sofrendo um processo de fragmentação da sua vegetação nativa decorrente da conversão das paisagens naturais em áreas produtivas e em cidades.

A maneira como estabelecemos nossa relação com o Cerrado está intrinsecamente associada com a forma como o percebemos, formando uma dialética entre como o vemos, o percebemos e agimos para com ele. Assim sendo, decidimos compreender se a percepção que os discentes da EJA em uma escola rural sobre o Cerrado seria diferente dos discentes de uma escola urbana.

Percepção Ambiental na Educação de Jovens e Adultos no Centro de Ensino Fundamental nº 404 localizada em área urbana

O Centro de Ensino Fundamental nº 404 se encontra em Samambaia onde se localizam dois parques ecológicos: o Parque Ecológico Três Meninas e o Parque Ecológico Gatumé, considerado o coração do Cerrado, por se situar bem no meio do Planalto Central.

Imagem 1: Localização do Centro de Ensino Fundamental nº 404 em Samambaia



Fonte: Google Maps

No CEF 404 foram matriculados 633 discentes na Educação de Jovens e Adultos, mas somente 249 frequentam a escola. O corpo docente é composto por 63 professores regentes, 06 professores coordenadores distribuídos nos três turnos, 07 profissionais readaptados responsáveis pela Sala de Leitura. São 02 Orientadores Educacionais e mais 32 Auxiliares em Educação, dos quais 19 pertencem aos quadros da SEEDF e 13 são terceirizados. Os auxiliares são distribuídos nos setores Secretaria (05), Portaria (05), Vigilância (04), Mecanografia (02), Cantina (07) e Limpeza e Conservação (09). A escola conta também com 04 professoras readaptadas que exercem as funções de Apoio Educacional.

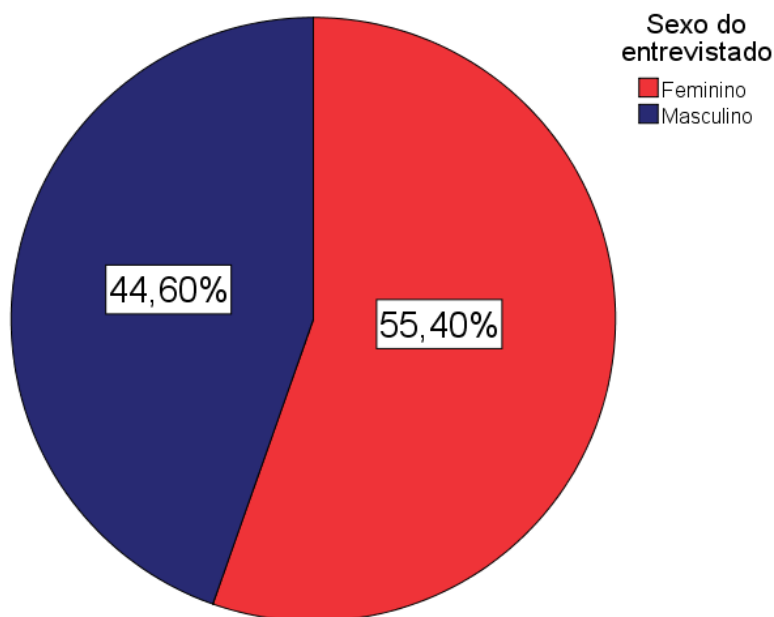
A instituição possui 52 dependências físicas, assim distribuídas: 16 salas de aula, sendo uma delas destinada exclusivamente à educação integral; 02 salas de reforço, sendo uma delas adaptada para audiovisual e a outra cedida para o Polo do Batalhão escolar; 01 sala de leitura; 01 sala de recursos; 01 sala para o SOE; 02 salas destinadas à Direção; 01 sala de professores, com copa conjugada; 01 sala de coordenação; 02 banheiros para professores; 01 sala de secretaria; 01 sala de reprografia; 01 cantina; 01 depósito de gêneros alimentícios; 01 sala para auxiliares de cantina e limpeza com 01 banheiro e 01 almoxarifado, 06 banheiros para alunos, sendo 02 deles adaptados, 02

laboratórios, sendo um para da Informática e outro para Arte/Ciências; 02 pequenos depósitos, 02 pátios cobertos, 01 quadra poliesportiva, 01 playground, 01 estacionamento interno, 01 guarita, 01 depósito para gás, 01 instalação para sistema hidráulico com caixa d'água.

Na escola há professores com necessidades especiais físicas; eles se locomovem com facilidade pela escola; em todo o colégio existem corrimãos, rampas e piso tátil, facilitando o acesso. Outro ponto que me chamou atenção em relação à comunidade escolar é que no portão de acesso da escola é frequente, principalmente no horário da saída, o uso de drogas por parte de alguns discentes e moradores, deixando um odor forte no local.

Nós entrevistamos 139 discentes do CEF 404, sendo que 35,97% estão no primeiro segmento e 64,03% estão no segundo segmento. Na nossa amostra 55,40% são do sexo feminino e 44,60% são do sexo masculino. Chamou-nos a atenção durante as entrevistas que as mulheres têm mais conhecimento sobre as plantas nativas do Cerrado e seus fins medicinais.

Gráfico 1- Sexo dos Discentes



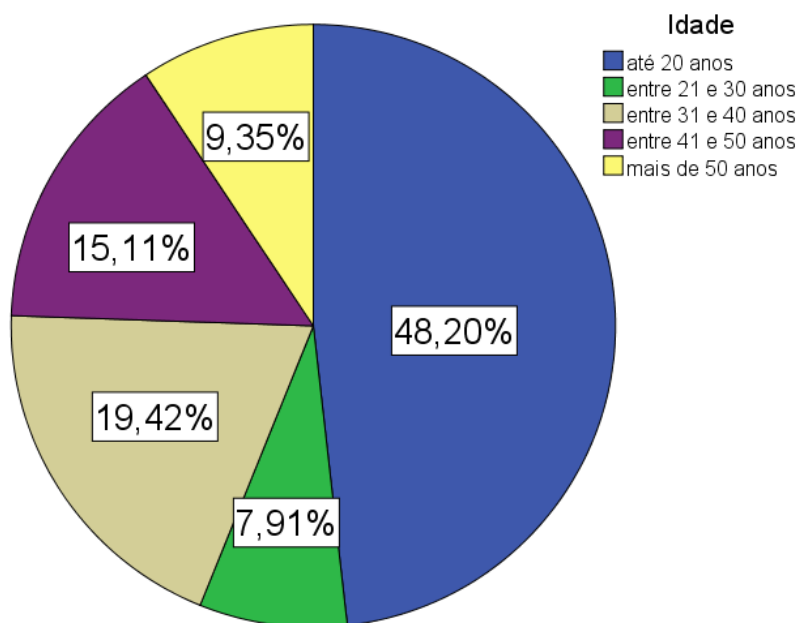
Fonte: Elaboração própria

Com relação à faixa etária dos discentes, 48,20% dos alunos possuem até 20 anos, 7,91% tem entre 21 e 30 anos, 19,42% possuem de 31 a 40 anos, 15,11% entre 41 e 50 anos, 9,35% com mais de 50 anos.

Um pouco mais que a metade dos discentes tem menos de 30 anos de idade, o que condiz com o crescimento significativo no número de jovens que se agregam a EJA no Brasil, na maioria das vezes, com um histórico de fracasso escolar, vinculado a reprovações. Como consta na Proposta Curricular do 1º segmento do Ministério da Educação:

No público que efetivamente frequenta os programas de educação de jovens e adultos, é cada vez mais reduzido o número daqueles que não tiveram nenhuma passagem anterior pela escola. É também cada vez mais dominante a presença de adolescentes e jovens recém-saídos do ensino regular, por onde tiveram passagens acidentadas” (BRASIL 2001).

Gráfico 2- Faixa Etária dos Discentes



Fonte: Elaboração própria

Constatou-se que a faixa etária influencia na percepção sobre o Cerrado, quanto maior a idade do discente, maior é seu conhecimento quanto ao Cerrado. A explicação se dá na cultura que os discentes estão inseridos, posto que possuem a vivência de anos no ambiente, além de uma transmissão da sabedoria familiar por gerações sobre o Cerrado. Em relação aos mais jovens foi observado um distanciamento dessa raiz, mostrando um afastamento da juventude em relação a natureza, os quais não se consideram parte da natureza, acarretando em diversas consequências, em sua amplitude na crise ambiental. Os mais velhos possuem um conhecimento detalhado sobre as plantas, animais e frutos do Cerrado, enquanto que os jovens fazem confusão, agregando em suas falas frutas e animais que não são do Cerrado, mas que estão

associados ao seu cotidiano, incorporado a cultura que acaba falando mais alto na percepção sobre o Cerrado.

A maioria dos discentes nasceu em Brasília num total de 62 pessoas, conforme podemos ver na tabela 1, outros 54 discentes são de estados do nordeste brasileiro, vindos de outros biomas.

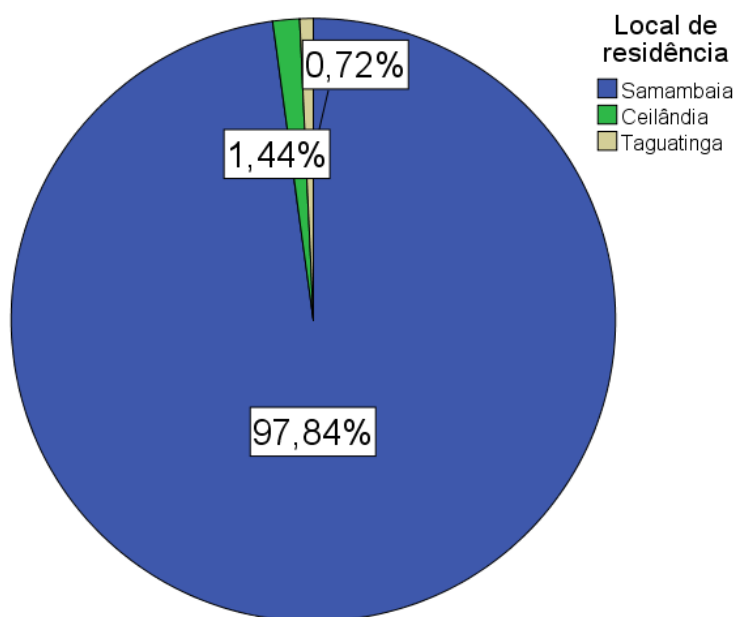
Tabela 1: Local de nascimento dos discentes

	Frequência
Local de Nascimento	
Alagoas	2
Bahia	8
Brasília	62
Ceará	2
Espirito Santo	1
Goiás	10
Maranhão	18
Minas Gerais	8
Pará	3
Paraíba	3
Pernambuco	2
Piauí	19
Tocantins	1

Fonte: Elaboração própria

Todos os discentes, como podemos acompanhar no gráfico 3 moram em Samambaia ou em cidades próximas como Ceilândia e Taguatinga, portanto, todos habitam o bioma Cerrado, porém não possuem o devido conhecimento sobre ele, salvo pelo senso comum.

Gráfico 3- Local de residência dos Discentes



Fonte: Elaboração própria

Quando perguntamos aos discentes se já estudaram sobre o Cerrado, 47,48% não haviam estudado e 52,52% já haviam estudado. Aqui existe uma contradição, um pouco mais da metade dos discentes disseram que estudaram sobre o Cerrado, o que aconteceu com os demais discentes? Na disciplina de Ciências, o Cerrado é trabalhado a partir de uma única atividade onde as turmas são divididas em grupos e cada grupo fica responsável por estudar um bioma; sem uma socialização do trabalho. Eles devem fazer uma colagem numa cartolina, identificando o que se existe no bioma, a professora não faz a devida explicação sobre os biomas posteriormente. Não há uma aula específica sobre a biodiversidade do Cerrado, o que acaba fazendo com que cada aluno conheça apenas um bioma, o qual ficou responsável e de forma superficial. A professora que ministra as aulas de ciências procurou livros na biblioteca que fizessem referência aos biomas para tal atividade, porém notou a precariedade dos materiais didáticos sobre assunto. Embora essa temática seja conteúdo obrigatório de geografia, visto tanto nos anos iniciais, através do estudo do lugar, como nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

O Ministério da Educação preocupado com a produção de materiais didáticos para atender a Educação de Jovens e Adultos criou a Coleção Cadernos de EJA com o objetivo de buscar a organicidade por meio de propostas interdisciplinares, oferecendo melhor compreensão da educação e de sua complexidade:

A coleção Cadernos de EJA segue as orientações curriculares do CNE, organizando os componentes e conteúdos em torno de eixos temáticos e tem o trabalho como eixo geral integrador desses temas. A palavra-chave dessa coleção é flexibilidade. Ela é uma verdadeira ferramenta do trabalho pedagógico. Ela é parte de um convênio estabelecido, por meio do FNDE, entre a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e a Fundação Unitrabalho. Além da coleção impressa, o projeto criou o portal EJA que apresenta e disponibiliza os Cadernos de EJA. Ele tem como objetivo criar um canal de diálogo com os professores da educação de jovens e adultos do país, apoiando o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido por eles no cotidiano da escola. (BRASIL 2007)

O material é composto pelo caderno do professor e caderno do aluno. O primeiro é um catálogo de atividades com sugestões para trabalhar os textos; o segundo é uma coletânea de textos de diferentes gêneros e diversas fontes para ser realizadas pelos estudantes.

O caderno do professor permite um trabalho multidisciplinar. Para cada texto possuem objetivos, introdução e questões para problematização em sala de aula. Cada capítulo leva em consideração o cotidiano do aluno, valorizando e respeitando as experiências e os conhecimentos dos mesmos, descrição das atividades a serem realizadas, materiais e tempo que serão utilizados. É um material didático que assegura uma educação de qualidade, sem infantilizar o ensino, além de ser um facilitador do planejamento do professor.

Os professores do Centro de Ensino Fundamental nº 404 não conhecem o material didático elaborado pelo MEC e utilizam apenas a linha EJA MODERNA como material didático principal, sendo que o volumes 1 é destinado a alfabetização e os volumes 2 e 3 destinado aos anos iniciais do ensino fundamental. Além dos livros citados as docentes alegaram fazer uso de jornais, revistas, cartazes e atividades em folhas de blogs variados.

Na publicação da EJA Moderna se comenta sobre alguns biomas brasileiros, sem profundidade nenhuma e nem fazem menção ao Cerrado, nem mesmo a palavra em si é citada. Utilizam apenas concepções gerais sobre o Meio Ambiente, por exemplo, no primeiro volume, destinado a alfabetização, faz referência ao ambiente apenas na Unidade 4, intitulada “Ambiente e sociedade” composta por três capítulos. A conjunção “e” está fundamentada no positivismo, advindo de uma geografia tradicional e traz uma redução do tema ao estudo dos aspectos físicos da paisagem, além de separar o indivíduo da natureza, como se não existisse qualquer relação entre os mesmos. Desse modo, o estudo ainda é aquele pautado na simplicidade racional do pensamento

científico positivista, o que impede o aprofundamento do debate ou mesmo a adoção de práticas sustentáveis pela sociedade, presa a uma visão tecnocrática e reducionista do meio ambiente.

O Cerrado é responsável por 5% da biodiversidade do planeta e é uma das savanas mais ricas do mundo; segundo o IBGE o Cerrado possui:

[...] uma área de 204,7 milhões de hectares distribuídos nos estados da Bahia, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Piauí, São Paulo, Tocantins e Distrito Federal; é o segundo bioma em dimensão geográfica no Brasil, correspondendo aproximadamente a 24% do território; suas margens tocam todos os outros biomas, formando ecótonos de alta importância e complexidade biológica e ecológica, essas áreas correspondem a 14% do Brasil, assim, somados o Cerrado e suas margens correspondem a 36% do território nacional (IBGE, 2004 citado por Silva *et al.* (2012).

Compreende um mosaico de vários tipos de vegetação, savanas, matas, campos, áreas úmidas e matas de galeria etc. Essa diversidade de fitofisionomias é resultante da diversidade de solos, de topografia e de climas que ocorrem no Brasil Central. No Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento e das Queimadas no Cerrado consta que:

O Cerrado apresenta elevada riqueza de espécies, com plantas herbáceas, arbustivas, arbóreas e cipós, totalizando 11.627 espécies vasculares nativas (MENDONÇA *et al.* 2008), sendo aproximadamente 44% da flora endêmica. Isso se deve principalmente à diversidade de ambientes, apresentando diferentes tipos de solos, relevo e fitofisionomias, representadas por formações florestais, savânicas e campestres. São descritos onze tipos principais de vegetação para o bioma Cerrado, enquadrados em formações florestais (Mata Ciliar, Mata de Galeria, Mata Seca e Cerradão), savânicas (Cerrado sentido restrito, Parque de Cerrado, Palmeiral e Vereda) e campestres (Campo sujo, Campo limpo e Campo rupestre). Considerando também os subtipos neste sistema são reconhecidos 25 tipos de vegetação (RIBEIRO & WALTER, 2008). Existem cerca de 320.000 espécies de animais na região, sendo apenas 0,6% formada por vertebrados (BRASIL 2009).

Como podemos ver o Cerrado é um sistema biogeográfico diverso. Quando perguntamos aos discentes como eles definem o Cerrado, 50 discentes caracterizaram o Cerrado como seco. Apesar de abranger uma extensa área, a região de cerrado apresenta clima bastante regular, classificado como continental tropical semi-úmido. A temperatura média é de 25°C, registrando máximas de 40°C no verão. A estação seca começa em abril e continua até setembro, por este motivo, que as pessoas sentem muito o período da seca. Os meses mais frios são junho e julho, com temperaturas que variam de 20 a 10°C e em agosto a temperatura é mais alta. Os meses mais chuvosos são novembro, dezembro e janeiro. O regime de precipitação da região apresenta uma

oscilação unimodal com a época chuvosa concentrada no período de dezembro a março e a mais seca de junho a agosto.

Quarenta e um estudantes o definiram como mato; treze como um conjunto de árvores e animais; dez como um tipo de vegetação; oito como um lugar abandonado/beira de estrada; seis como roça ou interior; três alunos associaram ao sertão; dois como floresta; um como local de pequenas árvores; um relatou como sendo terra infértil; um disse ser uma Mata Atlântica; apenas um conceituou como bioma e outro o descreveu como árvores tortas; por fim, um afirmou ser uma pessoa errada. Essas respostas foram livres como podemos ver na tabela 2 abaixo e vemos o quanto elas estão distantes da realidade do Cerrado, dificilmente o caracterizando como bioma.

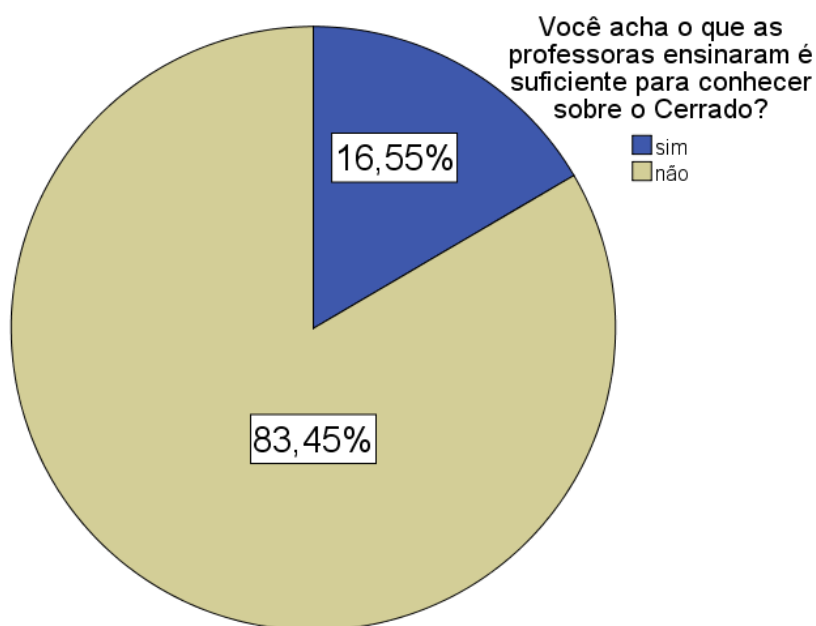
Tabela 2: Definição do Cerrado segundo os discentes

	Frequência
Mato	41
Seco	50
árvore/animais	13
Vegetação	10
Sertão	3
interior/roça	6
estrada/lugar abandonado	8
lugar de pequenas árvores	1
pessoa errada	1
terra infértil	1
Mata Atlântica	1
Floresta	2
Bioma	1
árvores tortas	1

Fonte: Elaboração própria

Enquanto que 83,45% dos educandos reconheceram que os conhecimentos ensinados sobre o bioma foram insuficientes para conhecer o mesmo, não auxiliando na compreensão da amplitude do bioma, 16,55 consideraram suficiente o que aprenderam para conhecer o Cerrado como aponta o gráfico 4.

Gráfico 4- Suficiência dos conhecimentos ensinados na escola sobre o Cerrado



Fonte: Elaboração própria

Sobre os conhecimentos ensinados sobre o Cerrado na escola, 34 afirmaram não lembrar o que estudaram e 62 disseram não ter estudado nada, ou seja, 96 discentes não tem a menor ideia sobre o que é a biodiversidade do Cerrado. Se analisarmos as respostas dos demais discentes vemos questões distorcidas: 5 afirmaram que o bioma é seco, 2 mencionaram a Caatinga como se fosse Cerrado, 1 simplesmente disse ter estudado sobre pau-brasil. Poucos estudantes realmente fizeram menção ao Cerrado: 18 discentes relataram ver conteúdos relacionados ao cuidado e preservação do Cerrado, 11 sobre a biodiversidade do Cerrado, 1 estudante alegou ter estudado que o bioma é composto por árvores retorcidas, 1 sobre a utilidade do bioma para as pessoas da cidade e 2 fizeram referência ao desmatamento. Chamou a atenção um estudante que afirmou ter estudado sobre a tristeza que é o Cerrado e outro mencionou sobre a dificuldade de se viver nesse lugar devido a seca e à fome.

Tabela 3: O que os discentes estudaram sobre o Cerrado

	Frequência
não estudei	62
não lembro	34
preservar/cuidar	18
Biodiversidade	11
ser seco	5
Desmatamento	2
Pau Brasil	1
Árvores retorcidas	1
A tristeza que é o Cerrado	1
Caatinga	2
sua utilidade para as pessoas da cidade	1
lugar difícil de viver	1

Fonte: Elaboração própria

Quanto ao gosto pelo Cerrado 46,04% afirmaram não gostar do Cerrado, vejamos os comentários de alguns discentes:

-“É um lugar seco e com pouca chance de vida” (Wesley de 16 anos, estudante, da 7ª série do 2º segmento).

-“Muito ruim, seco, quente. Não gosto. Gosto é de sombra e água fresca” (Maria de 55 anos, doméstica, da 3ª série do 1º segmento).

-“Lugar que não tem nada, tudo seco” (Maria de 40 anos, doméstica, da 3ª série do 1º segmento).

-“É um lugar de mato, de entulho” (Alessandra de 18 anos, doméstica, da 5ª série do 2º segmento).

-“Lugar abandonado, área livre que o povo joga lixo” (Kaio de 15 anos, estagiário, da 6ª série do 2º segmento).

-“É interior. Sem nada.” (Maria de 28 anos, doméstica, da 3ª série do 1º segmento).

-“É mato. Lugar deserto” (Rosângela de 50 anos, doméstica, da 3ª série do 1º segmento).

-“É mato, ninguém anda nele” (Pedro de 47 anos, serviços gerais, da 3ª série do 1º segmento).

-“Lugar que ninguém gostaria de ir, onde coisas boas não se encontram” (Tatiane de 25 anos, balconista, da 3ª série do 1º segmento).

-“É beira de estrada, abandonado.” (Francisca de 33 anos, doméstica, da 3ª série do 1º segmento).

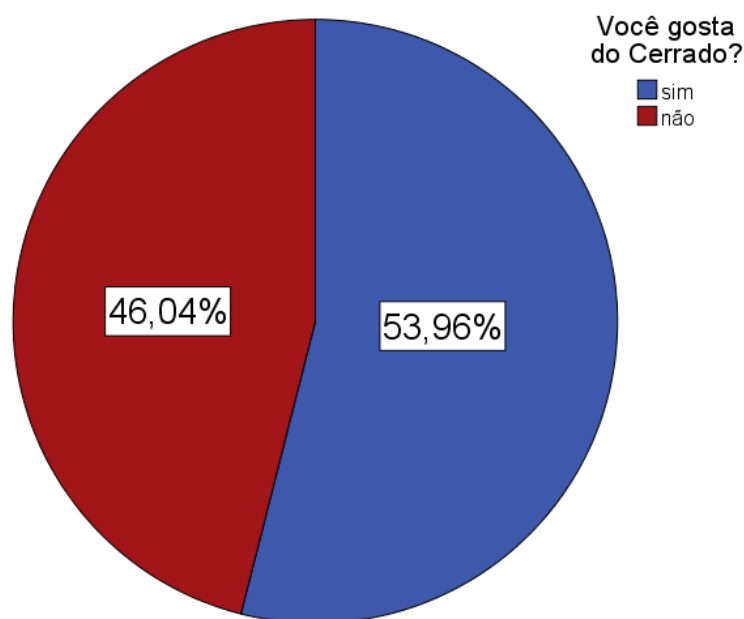
-“Onde não mora ninguém, não é habitado. E tem frutos” (Francisco de 59 anos, serviços gerais, da 3ª série do 1º segmento).

A visão apresentada por estes discentes da área urbana demonstra uma percepção negativa em relação ao Cerrado. A percepção antecede a atitude, consequentemente precede o elo afetivo entre a pessoa e o lugar. A percepção ambiental consiste no modo como o indivíduo entende o meio, a qual transpassa para suas ações com o mesmo. O modo como o ser humano reconhece e interage com o meio ambiente a sua volta é fortemente determinada pela percepção ambiental. Se os discentes veem o Cerrado como algo seco, ruim, sem nada, relacionado ao deserto, com pouca chance de

vida, isso está relacionado a uma visão que ainda é reforçada pelo ensino. Ela faz parte do discurso social maior promovido inclusive pela educação para fazer o agricultor familiar vender suas terras para os grandes proprietários por um preço baixo e acreditar que na cidade encontraria melhores condições de vida - apartar o homem da sua natureza fazendo-o acreditar que sua raiz era seu problema. Esse empobrecimento foi tornado realidade pelas políticas de governo. Os homens do campo que vieram da cidade não gostam do cerrado porque não gostam de si mesmos, negam o que são. Neste sentido, a percepção do Cerrado é projetiva, projeta para o homem sua origem e seu fracasso. Logo, ele não quer ver e não quer que seu filho veja ou se identifique, por medo da memória. Ao mesmo tempo os discentes demonstram um desconhecimento absoluto sobre a sociobiodiversidade do Cerrado e a distância e desconexão com este ambiente que dentro das cidades se restringem aos parques ecológicos.

A maneira como estabelecemos nossa relação com o Cerrado está inerentemente associada com o jeito como o percebemos. Não gostar do Cerrado está relacionado ao sentimento de não pertencimento do indivíduo à natureza e, conseqüentemente, não tem valor para essas pessoas. Essa percepção está relacionada a falta de conhecimento sobre o bioma; é importante destacar que o ser humano deveria conhecer a natureza, em especial o ambiente que o rodeia, porque só respeitamos e admiramos aquilo que conhecemos.

Gráfico 5- Gosto dos discentes pelo Cerrado



Fonte: Elaboração própria

Se pensarmos quais são as frutas mais consumidas no Brasil, podemos listar: mamão, laranja, abacaxi, abacate, manga, pera, maracujá, caju, pêssego, melancia, maçã, melão, banana, açaí, goiaba, tangerina, coco, uva, morango e limão; uma lista com 20 variedades.

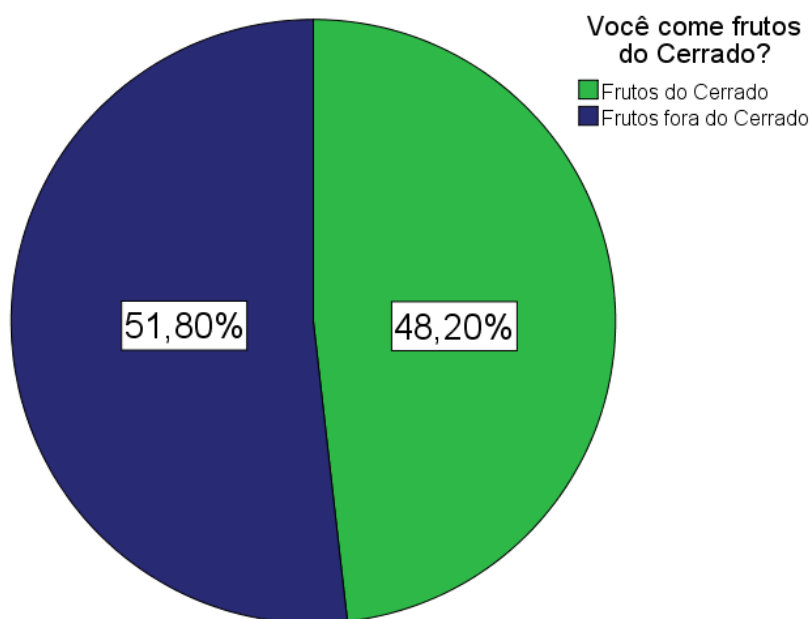
Para vermos como existe um desconhecimento sobre o Cerrado, 48,20% disseram ter consumido frutas do Cerrado; o pequi foi o fruto mais citado pelos entrevistados porque ele é vendido pelas estradas da região, pois se trata de uma espécie carismática com fortes raízes na cultura dos povos do Cerrado, especialmente no interior de Goiás.

Outras frutas mencionadas foram mangaba, jatobá, araticum, bacupari, caju, buriti, coco do mato, cagaita e ingá, porém muitos deles citaram frutas que não são típicas deste bioma como banana, laranja, goiaba, acerola, maçã, melancia e manga. A maioria dos discentes não consome frutas do Cerrado, isso se deve a dois fatores: o desconhecimento e a falta de acesso ao produto, até por ter um custo maior. Os supermercados e lojas locais não oferecem frutas do Cerrado que em geral só existem nos quintais de algumas chácaras que se encontram nas quadras 600 e 800 em Samambaia; nas casas não tem essas árvores frutíferas devido à falta de espaço nos lotes.

Janaína Diniz, professora adjunta da Universidade de Brasília (UnB-Planaltina), na área de Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural e Agronegócios, explica, em artigo produzido para o Cerratinga, que “os valores nutricionais e medicinais conhecidos de frutos se traduzem em muitos outros valores quando se consegue resgatar a sua importância junto às comunidades que os coletam e comercializam” Como exemplo de agregação de valor, ela cita os diferentes usos atribuídos ao buriti – quando do seu fruto se faz o doce, da sua folha se tira a seda ou a palha ou ainda do seu talo se faz artesanato.

Frente à destruição contínua das áreas naturais, algumas espécies como o buriti, a cagaita e a mangaba se distanciam cada vez mais da mesa dos brasileiros. O desaparecimento de um fruto nativo não impacta somente a trama ecológica na qual participa, mas tem impacto também na cultura e no modo de vida das comunidades tradicionais. Essa interdependência entre as espécies e os modos de vida tem sido traduzida no termo sociobiodiversidade.

Gráfico 6- Gosto dos discentes pelos frutos do Cerrado



Fonte: Elaboração própria

A diversidade ecológica propiciou uma variedade de formas de vida e estratégias de uso e convivência com o ambiente natural. As chamadas populações tradicionais do Cerrado incluem diversos povos, de origem indígena, negra, miscigenada, formando culturas em que os elementos da natureza estão imbricados com o jeito de cada grupo. Do sertão, populações geraizeiras, vazanteiras, ribeirinhos, dentre outros.

Provêm do grupo macro-jê várias populações indígenas que habitam o Cerrado (Caiapó, Carajá, Krahô, Gavião etc). Os povos indígenas vem enfrentando sérios problemas com o intenso desmatamento do Cerrado, fruto das atividades predatórias causadas sobretudo pelo avanço do agronegócio, a construção de barragens que afetam diretamente suas terras, grilagem de terras, ameaças, torturas, expulsões, chacinas e fragmentação de suas terras, subordinação de sua cultura:

No bioma Cerrado existem mais de 80 etnias, que no passado viviam exclusivamente da caça e da agricultura de coivara – um tipo de agricultura de corte e queima. Muitos dos Karajás, Avá-canoeiros, Krahôs, Xavantes, Xerentes, Xacriabás e Tapuias foram dizimados ou migraram forçados pelo colonialismo. Povos mais antigos a habitar esse bioma, são vítimas de conflitos locais com fazendeiros e grandes empreendimentos. Obrigados a se adaptar ao que resta de recursos naturais, valorizam o conhecimento tradicional, a cultura e lutam por seus direitos (Cerratinga 2015).

Os discentes se confundem ao falar sobre os povos indígenas que vivem no Cerrado; 98 discentes desconhecem a sua existência, como pode ser constatado na

tabela 4 e na fala de uma aluna quando questionada sobre quais os povos indígenas que vivem no Cerrado:

-“Gente não mora no Cerrado” (Maria de 55 anos, doméstica, que cursa a 3º série do 1º segmento).

Trinta e cinco discentes afirmaram serem os índios, dois a tribo Tupi, dois os Tapajós e Carajás, um disse serem os Xavantes e um declarou serem os “cangaceiros”.

Tabela 4- Conhecimento dos discentes sobre os povos indígenas que vivem no Cerrado

		Frequência
Você sabe dizer quais são os povos indígenas que vivem no Cerrado?	não sei	98
	Índios	35
	Tapajós e Carajás	2
	Tupi	2
	Cangaceiros	1
	Xavantes	1

Fonte: Elaboração própria

A diversidade de ambientes do Cerrado, conhecida também como mosaico de fitofisionomias, permite que espécies de características ecológicas bastante distintas existam em uma mesma localidade.

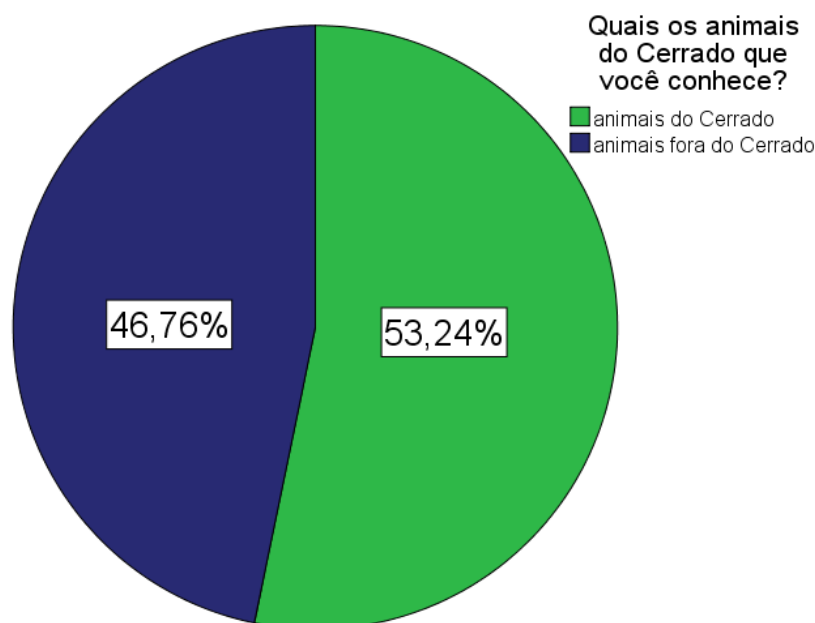
Há espécies que só ocorrem em locais bem preservados e há grupos que vivem exclusivamente em formações florestais tais como o cerradão, a mata de galeria ou a mata seca. A antropização causada principalmente pelo avanço da fronteira agrícola, a transformação de áreas rurais em urbanas e a caça predatória são fatores que colocam em risco a fauna brasileira. O desmatamento fragmenta os ambientes, provoca erosão no solo e assoreamento nos corpos d’água, descaracterizando os ambientes naturais e causando prejuízos econômicos e sociais. Os incêndios florestais causam inúmeros impactos negativos à fauna, dentre eles a baixa disponibilidade de alimentos (ibid 2009:23)

Quando conversamos sobre os animais do Cerrado com os discentes; 46,76% elencaram animais que não são típicos do Cerrado como leão, elefante, camelo, gato, cachorro, gado, cavalo, rinoceronte, entre outros.

Os 53,24% citaram animais pertencentes ao Cerrado e os mais citados foram lobo guará, tamanduá bandeira, tatu, capivara, onça e veado. Nos materiais didáticos (EJA Moderna) utilizados pela escola, especificamente na unidade 4, fala da ação

humana no ambiente, destacando a degradação ambiental e as experiências de sustentabilidade, entretanto, continua com a visão fragmentada e simplória. Na mesma unidade, no capítulo 1 de Ciências, é titulado Os seres vivos nos ecossistemas tem uma imagem do lobo-guará e do morcego, animais pertencentes ao Cerrado e em outros biomas também, sem que seja feita nenhuma referência ao mesmo. Nossa hipótese é que os conhecimentos sobre os animais do Cerrado não estão ligados ao que oferece a escola, podendo estar associada a mídia, uma vez que os livros não se referem ao lobo-guará como animal pertencente ao Cerrado, não obstante os alunos fazem esse vínculo.

Gráfico 7- Conhecimento dos discentes sobre os animais do Cerrado



Fonte: Elaboração própria

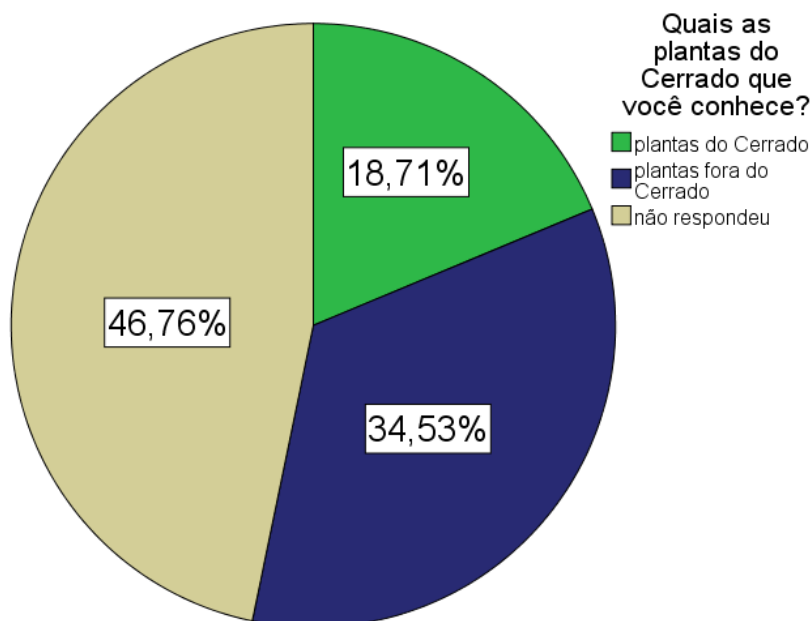
No gráfico 8 mostra que 18,71% dos estudantes citaram plantas do Cerrado, 34,53% citaram plantas que não pertencem ao Cerrado, e 46,76% não responderam. Quando questionados sobre a vegetação da região 11,51% alegaram que a vegetação é composta por eucaliptos. Na entrada do parque Três Meninas existem várias árvores de eucalipto plantado, talvez por este motivo que os discentes tenham respondido que o eucalipto faz parte do Cerrado. Sobre a vegetação da cidade, os comentários de dois discentes foram o seguinte:

1ª – “Não é Cerrado, porque tem muita árvore verde” (Karine de 18 anos, cobradora, que está cursando a 8ª série do 2º segmento).

2ª – “É o Cerrado, só que alterado” (Thiago de 16 anos, secretário, que está cursando a 7ª série do 2º segmento).

Na primeira fala reforça a ideia de que o Cerrado é seco, não tem árvores verdes e que não existe Cerrado na cidade; na segunda fala admite-se que existe Cerrado na cidade, mesmo que alterado por homens e mulheres que ali habitam.

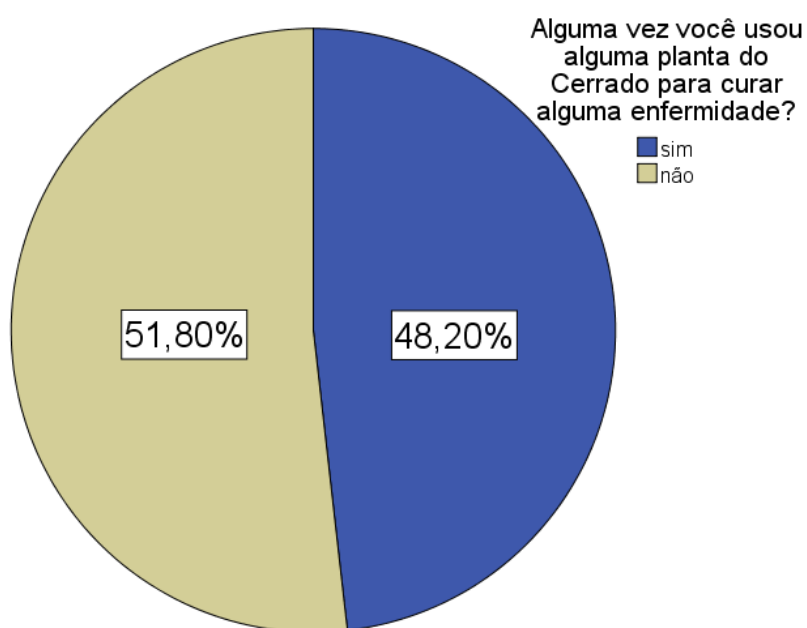
Gráfico 8- Conhecimento dos discentes sobre as plantas do Cerrado



Fonte: Elaboração própria

A utilização de espécies vegetais para fins terapêuticos também está intrínseca aos conhecimentos tradicionais e associa-se, assim, à natureza e à cultura. O cerrado é uma farmácia muito rica, tanto é que 48,20% dos discentes já usaram alguma planta do Cerrado para fins medicinais, especialmente o barbatimão para cicatrização de feridas. O barbatimão é uma planta bem típica do Cerrado que desenvolve substâncias taníferas e flavonoides. Ele é largamente utilizado na medicina caseira com grande espectro de ação.

Gráfico 9- Uso de plantas medicinais do Cerrado por parte dos discentes



Fonte: Elaboração própria

Quanto ao costume da realização de atividades no Cerrado, apenas 31,65% realizam caminhadas e trilhas, provavelmente realizadas nos parques ecológicos da cidade; o que coincide com o conhecimento de 48,20 % dos discentes sobre os parques que preservam o Cerrado. Os mais citados foram o Parque Ecológico Três Meninas e o Parque Ecológico Gatumé, localizados na própria cidade.

Imagem 2: Localização CEF404- Parque Gatumé- Parque Três Meninas



Fonte: SEGETH (mapa alterado)

O Parque Ecológico Gatumé é considerado o coração do Cerrado, por ser localizado em Samambaia e bem no meio do Planalto Central. Foi criado pelo Decreto

Nº 26.437, de 09 de dezembro de 2005 localizado entre a QR 425 e QR 427, em Samambaia Norte. A nascente Gatumé está localizada dentro do parque e está cercada por plantas samambaias que deram origem ao nome da cidade. Esta nascente abastece o córrego Melchior e foi por muitos anos local de brincadeiras, descontrações e lazer para crianças e adolescentes da comunidade. A região do Parque Gatumé é aberta e não oferece segurança para os moradores, sendo assim a área fica imprópria para o lazer. Está em fase de implementação o aterro sanitário do Distrito Federal que fará divisa com o Gatumé, com os córregos Samambaia e Melchior e com a Expansão de Samambaia. Além disso, 87,05% dos alunos alegaram que a comunidade não cuida das nascentes e córregos porque existe lixo no local:

-“As pessoas não cuidam das nascentes nem do Cerrado em si, porque na verdade as pessoas não gostam do Cerrado” (Naide de 49 anos, serviços gerais, da 3ª série do 1º segmento).

Imagem 3: Parque Gatumé



Fonte: Blog Parque Gatumé

O Parque Ecológico Três meninas é uma área de lazer e preservação que carrega no nome a história da família de pioneiros que morava no local antes da região administrativa nascer em 1989:

As três casinhas de bonecas do Parque Três Meninas, construídas nos anos 60 pelo casal Inezil e Martha Penna Marinho às suas filhas Zilta, Marine e Martita, remetem à criatividade e às brincadeiras infantis numa fase lúdica da vida dessa família. Restauradas como monumento, essas Casinhas de Bonecas resgatam a história viva na memória de milhares de famílias que vieram para Samambaia atrás de moradia nos anos 80 e 90 (Conselho Cultura Samambaia s/d).

Imagem 4: Parque Três Meninas



Fonte: Administração de Samambaia

Imagem 5: Casinhas das três meninas



Fonte: Conselho Cultura Samambaia

Para 75,54% discentes a urbanização provocou mudanças ao longo dos anos na cidade 3,60% citaram a poluição como mudança no ambiente e 18,71% declararam não haver mudanças. Em 1989 chegou um grande número de pessoas na cidade que buscavam ter sua casa própria, a qual era prometida pelo governador na época, Joaquim Roriz; sendo responsável pela criação de algumas das cidades do DF. Assim Samambaia foi uma das cidades que mais recebeu novos moradores, e consequentemente, o crescimento da cidade se deu com a construção de muitos prédios e casas, o que infelizmente contribuiu para o desaparecimento do Cerrado na cidade, fazendo com que as pessoas confundam os ecossistemas.

Os discentes também foram questionados sobre quais seriam os problemas que existem no Cerrado, cinquenta e nove mencionaram as queimadas e os desmatamentos; isso expressa bem a realidade, pois tanto a agricultura mecanizada para produção de grãos e a pecuária foram e continuam sendo dois dos vetores determinantes do desmatamento desta região. O Brasil se estabeleceu como um dos maiores produtores mundiais de carne bovina e, atualmente, a pecuária ocorre em todos os estados do bioma Cerrado, além de outros biomas. Ultimamente, a pecuária vem sendo associada à produção ilegal de carvão. Novas áreas vão sendo abertas para a pecuária extensiva, onde são instalados fornos e produzido carvão à base de vegetação nativa, gerando impactos negativos de ordem ambiental e social. No Cerrado, a maior parte dos incêndios são criminosos e ocorrem no período da estação seca (junho-setembro). Estão associados à renovação dos pastos, são provocados antes de desmatamentos ilegais e na produção de carvão vegetal de espécies nativas. Causam prejuízos ambientais, pois poluem o ar, aumentando a emissão de gases. Exercem efeitos sobre ecossistemas, reduzem a umidade do solo e a quantidade de matéria orgânica, nutrientes e minerais e

provocam efeitos negativos sobre a fauna e a flora. As unidades de conservação são anualmente atingidas por incêndios trazidos em geral das propriedades circunvizinhas.

Vinte e seis consideraram a seca como problema:

-“O problema do Cerrado é a seca e a fome” (Diego de 19 anos, estudante, da 6ª série do 2º segmento).

Doze cursistas destacaram a poluição; treze falaram da existência de animais perigosos, relacionado na maioria das vezes às cobras; um discente mencionou a erosão, outro sobre a infertilidade da terra e outro relacionou as ações de degradação.

Chama a atenção a resposta de dois cursistas, um considerou o próprio ser humano como um problema para o Cerrado e outro destacou que a desvalorização do bioma faz com que as pessoas não reconheçam sua importância. Finalmente dois discentes mencionaram que o problema do cerrado é não ter urbanização:

-“Antigamente a cidade era mais desvalorizada, só tinha mato. E hoje tem prédios” (Paulo de 16 anos, estagiário, que está cursando a 8ª série do 2º segmento).

Tabela 5: Problemas existentes no Cerrado segundo os discentes

	Frequência	
queimadas/desmatamento	59	
animais perigosos	13	
não sei	22	
Erosão	1	
Você sabe nos dizer quais são os problemas que existem no Cerrado?	ser humano	1
	ser seco	26
	sem urbanização	2
	Poluição	12
	uso de fertilizantes	1
	Outros	1
	Desvalorização	1

Fonte: Elaboração própria

A percepção dos discentes do CEF 404 sobre o Cerrado é que um bioma seco, infértil e fraco devido a falta de conhecimento, mesmo estando estudando numa escola; que deveria contribuir para a divulgação do bioma para que desenvolvesse atitudes e valores baseadas na sensibilização ambiental, cooperando para uma cultura de autoconhecimento, cuidado, preservação e paz.

Não existe uma proposta de educação Ambiental na escola, portanto, eles não estão respeitando a Resolução CNE/MEC n. 02, de 15/06/2012, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, para que os docentes

possam direcionar suas práticas na Educação Ambiental em todos os níveis de ensino, desde a Educação Básica ao Ensino Superior.

A Educação Ambiental visa à construção de conhecimentos, ao desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores sociais, ao cuidado com a comunidade de vida, a justiça e a equidade socioambiental e a proteção do meio ambiente natural e construído.

A partir da perspectiva da Ecologia Humana que orienta o indivíduo a se conhecer e reconhecer o ecossistema para que ele aprenda com o ambiente e consigo mesmo, isso acontecerá se considerarmos três níveis: nas pessoas humanas individualmente, nas relações entre as pessoas (sociedade), nas relações entre os demais humanos e os demais seres vivos. Assim, o indivíduo se torna sensível para as questões ambientais, sendo capaz de modificar ações, transformar valores e auxiliar na produção de conhecimentos.

Se a natureza é aquilo que observamos pela percepção obtida através dos sentidos, esses alunos não sentem, não vivem e não compreendem a complexidade do ambiente que os rodeia graças ao processo de urbanização na cidade que os distancia do Cerrado, que está concentrado em dois parques ecológicos e que são pouco visitados por eles. A educação ambiental na escola poderia reverter essa percepção, trazendo informações sobre a sociobiodiversidade do Cerrado e estimulando a vivência dos cursistas em áreas de preservação do bioma, fazendo uma sensibilização, estabelecendo desafios as crenças, considerando que a revalorização do sujeito do cerrado é uma necessidade.

Percepção Ambiental na Educação de Jovens e Adultos no Centro de Ensino Fundamental Engenho das Lages localizada em área rural

O Centro de Ensino Fundamental Engenho das Lages se localiza no Núcleo Rural Engenho das Lages, próxima a BR 060, a qual corta o Cerrado. A escola atende 213 alunos matriculados na educação de jovens e adultos, mas frequentes este número decai para 152. Possui um total de 58 docentes e 14 funcionários da carreira assistência a educação e 4 funcionários terceirizados. A instituição possui 12 salas de aula, 01 biblioteca, 01 sala de professores, 01 cozinha, 01 depósito para alimentos, 01 sala destinada a direção, 01 sala de secretaria, 02 banheiros para professores, 04 banheiros para os alunos, 01 pátio coberto.

Imagem 6: Localização do Centro de Ensino Fundamental Engenho das Lages no Núcleo Rural Engenho das Lages

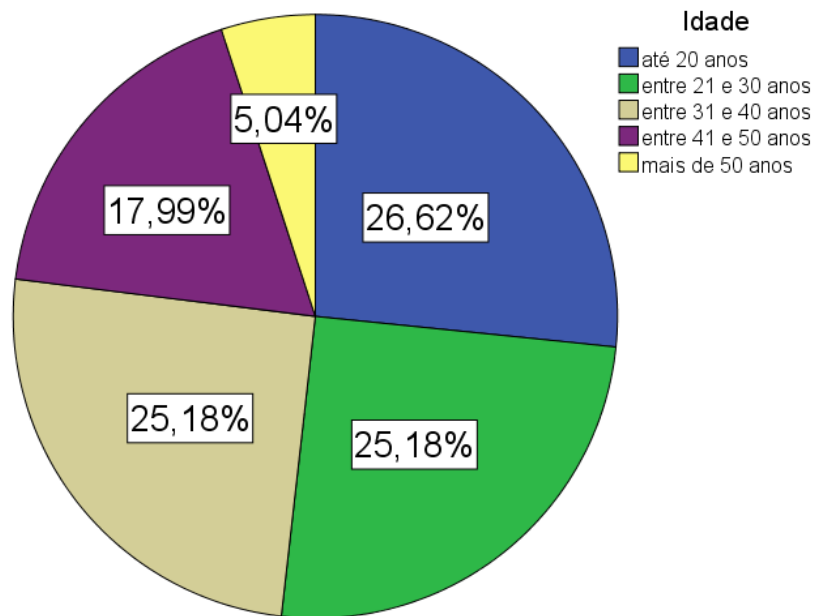


Fonte: Google Maps

No CEFEL também entrevistamos 139 discentes, 22,30% do primeiro segmento; 42,45% do segundo segmento e 35,25% do terceiro segmento, sendo que 51,80% são do sexo feminino.

Com relação à faixa etária dos discentes, 26,62% se enquadra na faixa de até 20 anos; 25,18% possuem de 21 a 30 anos; 25,18% possuem de 31 a 40; 17,99% sendo de 41 a 50 e 5,04% com mais de 50 anos. Um pouco mais da metade dos discentes tem menos de 30 anos de idade. Os discentes mais velhos deixaram de estudar para trabalhar muito cedo para manter a família, abandonando os estudos ou nem tendo a oportunidade de iniciá-los.

Gráfico 10- Faixa Etária dos Discentes



Fonte: Elaboração própria

Constatou-se, também, que a faixa etária possui uma forte ligação com o conhecimento sobre o Cerrado, uma vez que observamos que, quanto maior a faixa etária do discente, maior é seu conhecimento quanto ao Cerrado. A explicação se dá na cultura que os discentes estão inseridos na área rural, posto que possuem a vivência no ambiente que possui mais Cerrado preservado, além de uma transmissão da sabedoria familiar por gerações sobre o Cerrado. Verifica-se que quando os discentes mais velhos se referem ao Cerrado, utilizam o advérbio de lugar aqui, o presente lugar: “Aqui é um tipo de vegetação, tem plantas, frutos e animais”; já os mais jovens usam o advérbio de lugar lá, expressando distância da natureza: “Lá no Cerrado tem frutos e animais”.

A maioria, 90 discentes, nasceu no centro-oeste e apenas 41 são da região do Nordeste, mas estes sabem distinguir o ambiente daqui e de lá:

“Eu morava na Bahia e vim pra Brasília fugindo da seca, lá pra gente é Caatinga. Aqui é Cerrado, eu moro no Cerrado, na minha chácara” (Arlindo Aquino de 56 anos, caseiro, que se encontra na 2º série do 1º segmento).

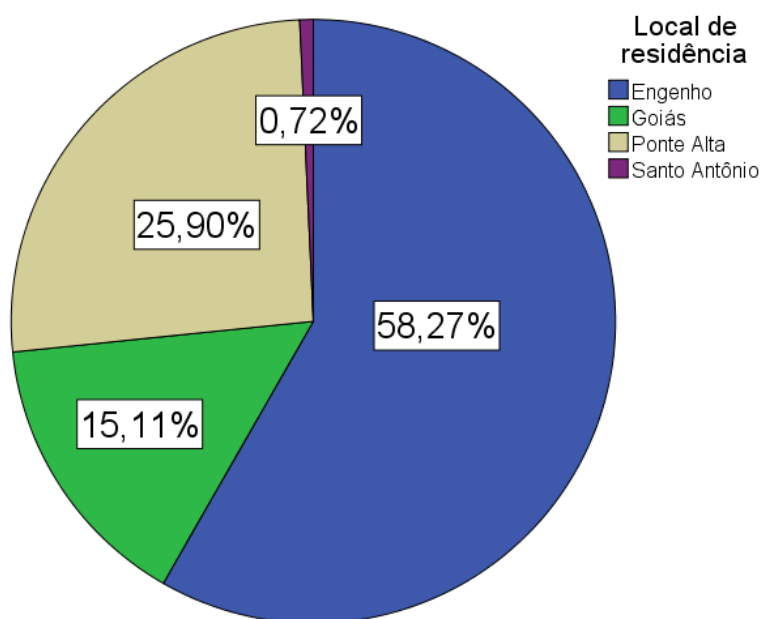
Tabela 6: Local de nascimento dos discentes

	Frequência
Local de nascimento	
Alagoas	1
Amapá	1
Bahia	14
Brasília	40
Ceará	4
Goiás	49
Maranhão	5
Mato Grosso do Sul	1
Minas Gerais	1
Pará	1
Paraná	1
Pernambuco	1
Piauí	15
Rio de Janeiro	1
Rio Grande do Norte	1
Tocantins	3

Fonte: Elaboração própria

Todos os discentes, como podemos acompanhar no gráfico 11 moram no Engenho das Lages ou em cidades próximas como Ponte Alta, Goiás e Santo Antônio, portanto, todos habitam o bioma Cerrado, o que contribui para o reconhecimento do mesmo como um tipo de vegetação.

Gráfico 11- Local de residência dos Discentes



Fonte: Elaboração própria

Quando perguntamos se os alunos já haviam estudado sobre o Cerrado: 52,52% não haviam estudado e 47,48% já haviam estudado. Conversamos com sete professores da escola sobre o assunto, apesar de todos os docentes considerarem importante contemplar a perspectiva do Cerrado, nos comentaram que devem seguir um currículo que trabalha apenas o meio ambiente em geral, além do mais nem todos os docentes estão capacitados para desenvolver tal tema. Eles ressaltaram que na EJA trabalham por semestre e a quantidade de conteúdo fica muito apertada. Como solução defendem a ideia de trabalhos interdisciplinares, para trabalhar a temática como tentam fazer na escola.

A escola faz uso do mesmo material didático do CEF 404; a coleção da EJA Moderna que não possui conteúdos vinculados ao bioma Cerrado. Tais livros didáticos utilizados pelas escolas tratam os saberes de forma separada, reducionista, visto que limita o entendimento da complexidade das temáticas. Por este motivo acabam fortalecendo uma percepção fragmentada, separando o físico do humano, como se na vida as partes fossem separadas do todo. Esta visão impossibilita o desenvolvimento de um indivíduo crítico e criador. Posto que, conforme Santaella (1998), a percepção fragmentada colabora em ações fragmentadas, cujos resultados não abraçam toda magnitude da crise, mas sim pontos isolados (1998 apud Penteado e Fortunato 2010).

Para erradicar tais perspectivas didáticas nos livros analisados é preciso considerar a educação como um processo contínuo e complexo, que deve levar à liberdade crítica, desmistificando a educação ambiental como adestradora:

A educação ambiental vem sendo tratada também nessa lógica do modelo tecnicista, o que leva a resultados contraditórios, imediatos e nada duradouros, mostrando-se mais como um adestramento do que realmente uma formação de qualidade (BRUGGER, 2004. P.91). Os problemas ambientais acabam por serem reduzidos à poluição, escassez de recursos naturais, diminuição da biodiversidade, reciclagem, entre outros, deixando de lado relações que são de suma importância para a mudança de valores e atitudes. A formação da sociedade não deve ser apenas informativa, pois assim se torna, também, adestradora, há que se ter uma abordagem crítica atual e da história de inter-relações sociedade-ambiente levando a uma visão holística do contexto mundial (Cunha e Leite 2009:69).

Os materiais didáticos não encaram o papel transformador e emancipatório da Educação Ambiental. Isso transpassa para os docentes, pois leva o professor a ser adotado pelo livro, deixando a responsabilidade do ensino aos materiais didáticos. Os docentes também não conhecem os materiais disponibilizados pelo MEC, logo, infelizmente, não utilizam desse recurso e não discutem a temática da educação ambiental.

A escola possui um projeto intitulado Cerrado e Meio Ambiente, que tem como objetivo principal perceber, apreciar e valorizar a diversidade natural e sociocultural, adotando posturas de respeito aos diferentes aspectos e formas do patrimônio natural, étnico e cultural. Os objetivos específicos seriam reconhecer alguns processos de construção de um ambiente, tanto urbano quanto rural, com a respectiva intervenção na paisagem, bem como sua importância para o homem; contribuir para a conservação e a manutenção do ambiente mais imediato em que vive; identificar as intervenções com as quais a sociedade local vem realizando transformações no ambiente, na paisagem, nos espaços em que habita ou cultiva; e observar as características do meio ambiente e identificar a existência de ciclos e fluxos na natureza. Essa proposta é desenvolvida em aulas expositivas, leitura de textos informativos em revistas, jornais e/ou livros, visitas a locais específicos e discussões em grupos, contudo o projeto é vivenciado apenas pelos alunos de 5^a a 8^a séries.

Um total de noventa e cinco alunos caracterizou o Cerrado como um tipo de vegetação e dezoito discentes o definiram pelo conjunto de árvores e animais; isso significa que a maioria dos estudantes desconhece a grande diversidade de habitats que determinam uma notável alternância de espécies entre diferentes fitofisionomias,

desconsiderando a variedade de animais e plantas do bioma. Cerca de 199 espécies de mamíferos são conhecidas e a rica avifauna compreende cerca de 837 espécies. Os números de peixes (1200 espécies), répteis (180 espécies) e anfíbios (150 espécies) são elevados. O número de peixes endêmicos não é conhecido, porém os valores são bastante altos para anfíbios e répteis: 28% e 17%, respectivamente. De acordo com estimativas recentes, o Cerrado é o refúgio de 13% das borboletas, 35% das abelhas e 23% dos cupins dos trópicos.

Seis estudantes identificaram o Cerrado como mato que, se procurarmos no dicionário, significa vegetação constituída de plantas não cultivadas, de porte médio, em geral, sem qualquer serventia, sendo assim, o Cerrado seria algo que não é plantado. Mato também significa campo, o interior, a roça, por oposição à cidade e dois alunos relataram ser roça ou interior.

Somente quatro discentes definiram como seco, mas teve um estudante que mesmo definindo-o assim, conseguiu incluir outros aspectos do Cerrado:

“Cerrado é lugar onde tem árvores pequenas, lugar de muita ondulação e também há cerrados com uma planície enorme, muito lindo. Mas a maioria do Cerrado não tem grandeza, só árvore pequena, vegetação rasteira, seca e fraca. Da natureza eu gosto de tudo, porque faz bem pra gente. E o Cerrado não é lugar de agricultura para plantar. Pra dar alguma coisa no Cerrado tem que investir, gastar muito, porque não tem fertilidade, não tem nenhum recurso para o plantio” (Eli de 53 anos, operador de máquinas leves, que se encontra na 7ª série do 2º segmento).

Um discente alegou ser um lugar abandonado/beira de estrada; outro o conceituou como bioma; um o descreveu como sendo composto por árvores tortas e onze não souberam descrevê-lo.

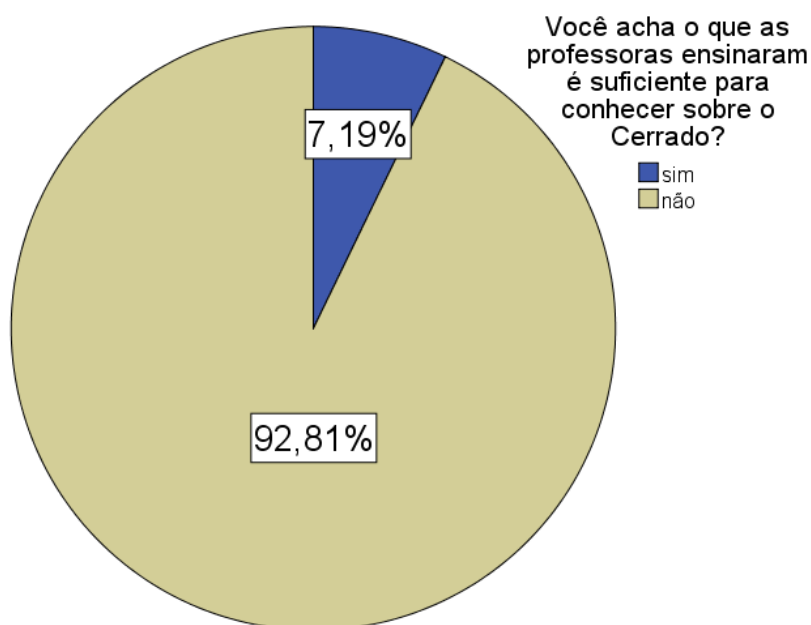
Tabela 7: O que é o Cerrado segundo os discentes

	Frequência
Mato	6
Seco	4
árvore/animais	18
Vegetação	95
Pra você o que é o Cerrado?	
interior/roça	2
estrada/lugar abandonado	1
não sei	11
Bioma	1
árvores tortas	1

Fonte: Elaboração própria

No gráfico 12 temos que 92,81% dos educandos reconheceram que os conhecimentos ensinados sobre o Cerrado foram insuficientes para conhecê-lo, como aponta o gráfico 12, sendo que 74 disseram não terem estudado nada sobre o Cerrado, 32 afirmaram não lembrar o que estudaram, 25 estudantes disseram que os mesmos se basearam na biodiversidade, 5 relataram ter aprendido sobre o cuidado e preservação do bioma, 2 sobre as fitofisionomias e 1 estudante alegou ter estudado sobre árvores retorcidas.

Gráfico 12- Suficiência dos conhecimentos ensinados mediante a avaliação dos discentes



Fonte: Elaboração própria

Quanto ao gosto pelo Cerrado, 100% dos estudantes alegaram gostar do bioma. Como os discentes reconhecem a biodiversidade do Cerrado e o categorizam como um tipo de vegetação e um conjunto de animais, sua percepção está mais associada às vivências e experiências influenciando, assim, no seu elo afetivo para com o Cerrado. Dessa forma nota-se que a proximidade espacial, evidenciada pela localização rural, interfere na percepção sobre o Cerrado dos discentes. Os mesmos possuem mais contato com os frutos e animais do bioma; é como se o Cerrado fosse extensão de suas casas, de seus quintais e de si mesmos, pois estes indivíduos formam os que não deixaram o campo e, portanto, não se rejeitaram.

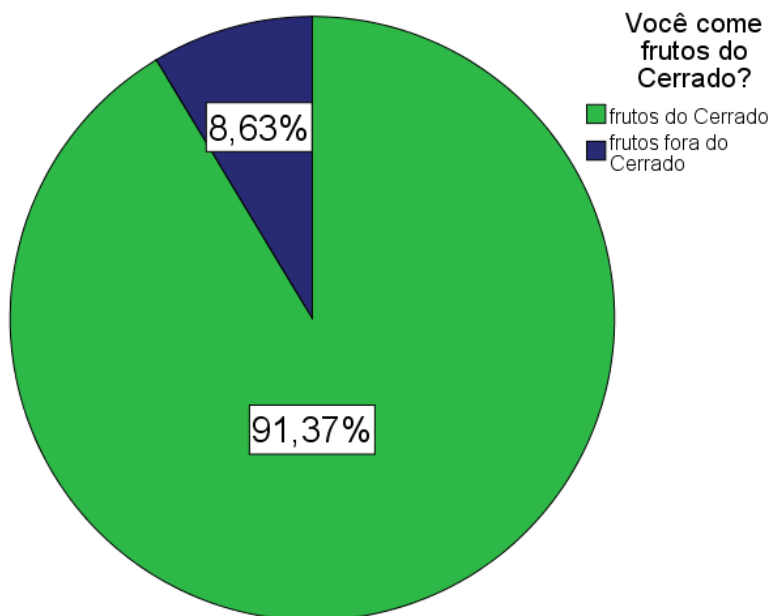
Observou-se que as mulheres dominam mais os conhecimentos sobre as plantas medicinais existentes no Cerrado, estando associada ao cultivo das mesmas no quintal de casa ou próximas ao domicílio. Quando essas mulheres se encontram, especificamente na zona rural, seus saberes partem do costume de ir mata adentro

coletar plantas nativas para fins medicinais; conhecimentos mais associados justamente à zona rural:

“Já utilizei muitas plantas típicas do Cerrado para fins medicinais: guara piá (cura 12 enfermidades além da sinusite), cabelo de nego (para infecção), velame branco (para garrafada), trançagem (para febre), jatobá (para fortalecer os ossos)” (Ana de 45 anos, dona de casa, que cursa a 6^o série do 2^o segmento).

Mais de 10 tipos de frutos comestíveis são regularmente consumidos pelas populações do Cerrado e vendidos nos centros urbanos, como os frutos do Pequi (*Caryocar brasiliense*), Buriti (*Mauritia flexuosa*), Mangaba (*Hancornia speciosa*), Cagaita (*Eugenia dysenterica*), Bacupari (*Salacia crassifolia*), Cajuzinho do cerrado (*Anacardium humile*), Araticum (*Annona crassifolia*) e as sementes do Barú (*Dipteryx alata*). Um total de 91,37% citaram frutas como pequi, mangaba, jatobá, araticum, bacupari, gabirola, caju, buriti, murici, coco do mato, cagaita, abacaxi do mato, ingá, mama-cadela, maria preta, chicha. Por todos os lados encontramos árvores frutíferas do Cerrado no Núcleo Engenho das Lages. Apenas 8,63% dos estudantes citaram a manga como fruto típico do Cerrado; um dado que chama atenção tendo em vista que habitamos o Cerrado e por todo lado podemos encontrar pés de manga, sendo o caso dessa região.

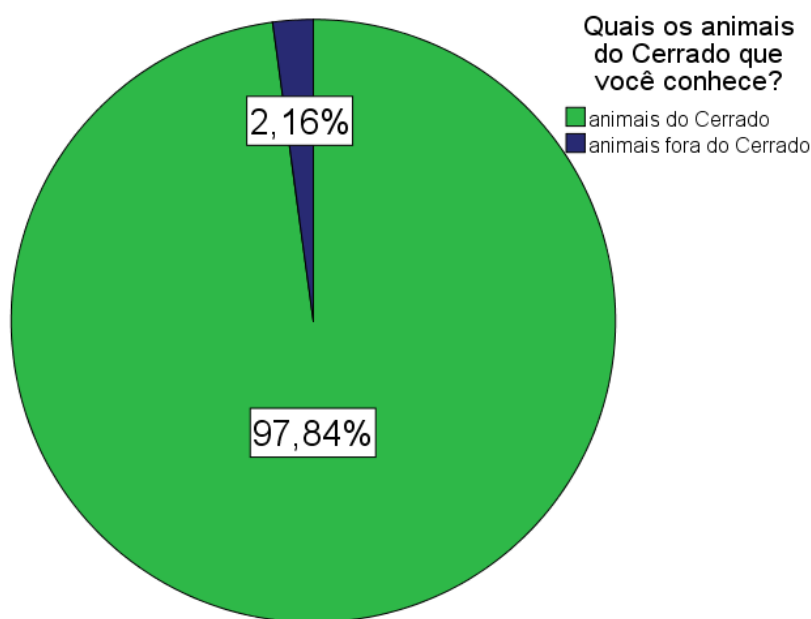
Gráfico 13- Gosto dos discentes pelos frutos do Cerrado



Fonte: Elaboração própria

A proximidade do Cerrado também contribuiu para o conhecimento sobre os animais existentes no Cerrado. 97,84% dos alunos citaram animais do Cerrado como lobo guará, tamanduá bandeira, quati, tatu, jaguatirica, capivara, onça, veado, cutia, paca, anta, seriema. Somente 2,16% dos discentes incluíram como animais típicos do Cerrado o cachorro, o gado e o cavalo.

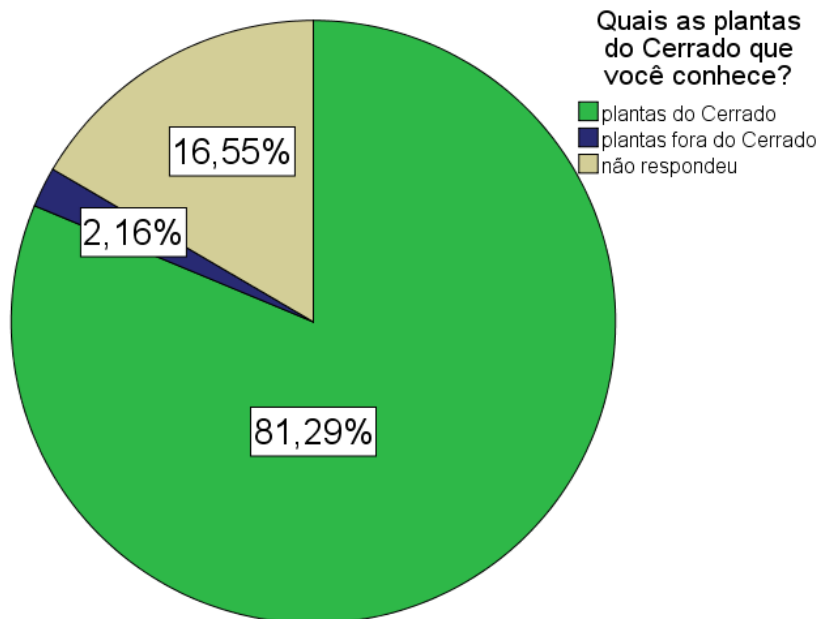
Gráfico 14- Conhecimento dos discentes sobre os animais do Cerrado



Fonte: Elaboração própria

O gráfico 15 mostra que 81,29% dos discentes citaram plantas do Cerrado, 2,16% especificaram plantas que não pertencem ao bioma como o eucalipto e o cacto e 16,55% não souberam responder. O reconhecimento das plantas do Cerrado auxilia na identificação de sua vegetação, assim 60,43% considerou a vegetação da região como cerrado.

Gráfico 15- Conhecimento dos discentes sobre as plantas do Cerrado



Fonte: Elaboração própria

O total de 119 discentes desconhece quem são os povos indígenas que vivem no Cerrado, 17 alunos usaram o termo índio de maneira genérica. O termo índio que foi utilizado no século XV para definir aqueles que sem fé, sem lei e sem rei viviam nas terras deste continente americano:

Fruto, portanto, de um erro histórico do século 16, e invenção da sociedade nacional, essa denominação acabou por adquirir uma conotação política. Passou a ser incorporada pelos grupos indígenas no processo de construção de uma identidade coletiva, usada para se autodenominarem diante do restante da sociedade. Ao mesmo tempo que estabeleceu um contínuo de semelhanças estruturais entre as diferentes sociedades indígenas, o nome cria um marco em relação aos ditos civilizados (Grupioni 1994:17-18).

O índio não designa um indivíduo, mas especifica um certo tipo de coletivo. Nesse sentido não existem índios, apenas comunidades, redes de relações que se podem chamar indígenas. O termo povo indígena traz a idéia de coletivo e dá uma outra conotação ao termo pejorativo índio (Corrêa 2015).

Tabela 8: Conhecimento dos discentes sobre os povos indígenas que vivem no Cerrado

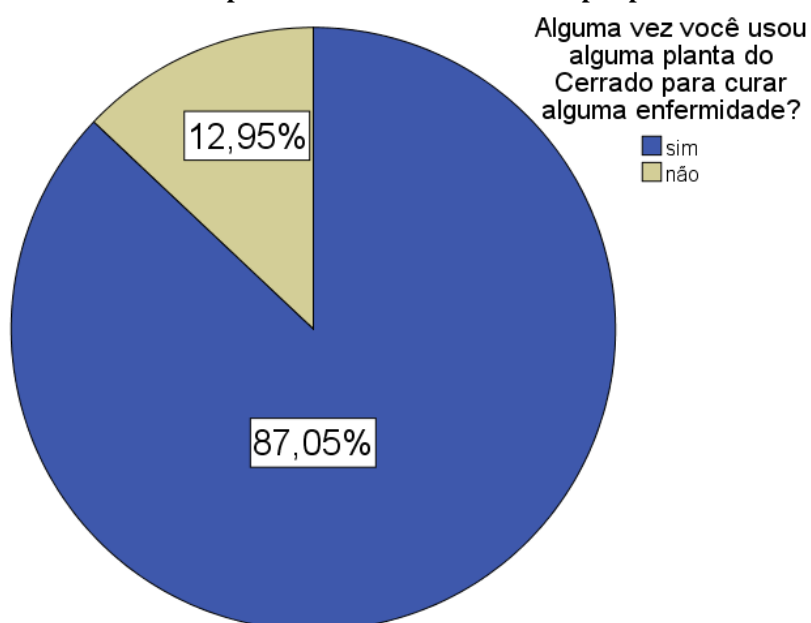
		Frequência
Você sabe dizer quais são os povos indígenas que vivem no Cerrado?	não sei	119
	Índios	17
	Tupi	1

Fonte: Elaboração própria

As atividades extrativistas são práticas de muitos povos do Cerrado e estão espalhados por todo o território. Os produtos coletados são frutos, raízes, plantas medicinais, madeiras, resinas, óleos, látex, tintura, entre outros. As plantas medicinais foram e são muito utilizadas até hoje pelos povos tradicionais e indígenas que habitam o Cerrado.

Mais de 220 espécies têm uso medicinal no Cerrado e a população rural possui mais conhecimento sobre as mesmas e conseqüentemente fazem mais uso delas. Como se pode acompanhar no gráfico 17, 87,05% dos discentes já usaram alguma planta do Cerrado para fins medicinais.

Gráfico 16- Uso de plantas medicinais do Cerrado por parte dos discentes



Fonte: Elaboração própria

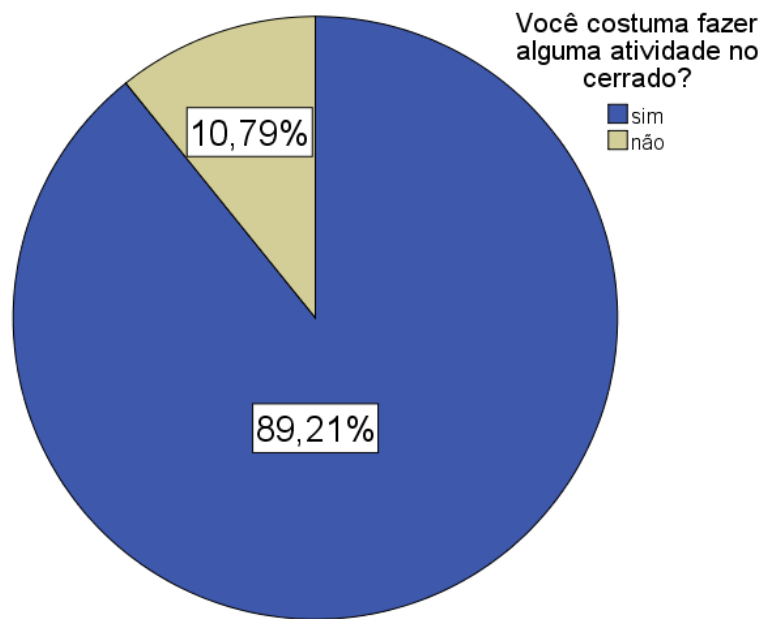
Quanto ao costume da realização de atividades no Cerrado, 89,21% admitiram praticar alguma atividade no Cerrado. As atividades consistiram principalmente em caminhadas/trilhas, pescas e banhos em cachoeiras da região, como a cachoeira das pedreiras, a do Wernek, entre outras que são localizadas em fazendas privadas. A Escola das Lajes foi fundada em 14/01/66 e recebeu este nome para homenagear o local onde se situa e também ao rio das Lajes, que corre nas redondezas. Um total de 65,47% dos discentes reconhecem que a comunidade não cuida desses córregos e nascentes, uma vez que deixam lixo, garrafas e latinhas de cerveja pela beira d'águas.

O Instituto Brasília Ambiental (IBRAM) estima que existam mais de mil nascentes espalhadas pelo DF, mas não sabe sequer a localização de 700 delas. Apenas 300 constam no cadastro do instituto e só 162 são constantemente monitoradas porque participam do programa Adote uma nascente. Mesmo entre as adotadas, há aquelas em situação precária. De acordo com o IBRAM, somente 47 nascentes – 29% do total – estão praticamente intactas, ou seja, têm mais de 70% da cobertura vegetal que as protege.

Não possuir cobertura vegetal significa não ter árvores típicas plantadas ao redor, o que serve de proteção para um curso d'água. Sem as plantas, terra, folhas soltas e sujeira são arrastados pela chuva, para dentro da água, causando assoreamento e erosão. Os dados do Ibram mostram que 51 nascentes têm menos de 30% da cobertura vegetal e, por isso, estão gravemente ameaçadas. Além de estarem desmatadas, elas recebem lixo e até esgoto.

Observa-se uma relação entre a prática de atividades e o conhecimento do lugar em que se vive, uma vez que quando se conhece o espaço ao redor, a população faz mais uso do mesmo; os discentes contêm mais informações sobre o lugar que residem e acabam usufruindo melhor o ambiente da região.

Gráfico 17- Realização de atividades no Cerrado por parte dos discentes



Fonte: Elaboração própria

Quanto ao conhecimento dos discentes sobre os parques que preservam o Cerrado, somente 38,13% visitaram algum parque sendo o Parque Nacional de Brasília o mais visitado.

Quanto à percepção dos discentes sobre mudanças ao longo dos anos na região 48,20% comentaram que a urbanização provocou o crescimento do número de casas; 15,83% dos estudantes citaram a poluição como mudança no ambiente; 1,44% mencionaram haver mais vegetação e outros 1,44% consideram que as pessoas cuidam mais do ambiente e 33,09% disseram não ter mudado nada.

Os discentes também foram questionados sobre os problemas que existem no Cerrado: 101 alunos citaram as queimadas e os desmatamentos; 14 destacaram a poluição; 3 consideram a seca como problema e 1 aluno afirmou ser o próprio ser humano responsável pelas suas ações de degradação.

Corrêa (2015) nos comentou que

ainda enfrentamos vários obstáculos à conservação da biodiversidade do Cerrado que podem ser resumidos pelos seguintes aspectos: baixo valor atribuído aos seus recursos biológicos; exploração dos recursos visando apenas o lucro e a falta de benefício às populações locais; insuficiência de conhecimento sobre ecossistemas e espécies, resultado dos poucos estudos científicos existentes que não são direcionados na resolução de problemas ambientais (comunicação pessoal).

Desse modo, quase 800 mil quilômetros quadrados do bioma já foram devastados, em especial pelo avanço da agropecuária moderna, queimadas, corte de

árvores, abertura de estradas e surgimento ou expansão de cidades. Apenas 7% do cerrado encontra-se em áreas protegidas.

Tabela 9: Problemas existentes no Cerrado segundo os discentes

	Frequência	
Você sabe nos dizer quais são os problemas que existem no Cerrado?	queimadas/desmatamento	101
	não sei	20
	ser humano	1
	ser seco	3
	Poluição	14

Fonte: Elaboração própria

O ser humano se mistura com o mundo, vivenciando suas concretudes, sentindo o ambiente e se compreendendo no mesmo; a percepção nos prepara, primeiramente, a compreender sobre nós mesmos. Muito do que percebemos tem valor para nós, por isso ao descreverem o Cerrado e relacionarem seus animais, plantas e frutos, os discentes do CEFEL se enxergam no Cerrado, uma vez que a percepção deles está relacionada ao mundo vivido e a experiência cotidiana dentro da sua comunidade.

Análise Comparativa sobre a percepção dos discentes de uma escola urbana com os discentes de uma escola rural

Verifica-se que os discentes percebem os espaços de forma diferenciada, de acordo com suas crenças, costumes e valores; diferenciando-se de acordo com o ambiente que se encontram, seja rural ou urbano. Considerando os dados apresentados, os discentes da escola urbana sabem menos sobre o Cerrado que os discentes da escola rural e não reconhecem a importância do Cerrado.

As percepções sobre o Cerrado como seco, feio, infértil e fraco aparecerem em ambas as áreas escolares mas existe uma diferença, na zona urbana 50 discentes caracterizaram o Cerrado como seco e 41 estudantes o definiram como mato; já na zona rural 95 alunos caracterizaram o Cerrado como um tipo de vegetação e 18 discentes o definiram pelo conjunto de árvores e animais.

Apesar de sua rica biodiversidade e seu papel como importante produtor de água, o Cerrado não têm o mesmo prestígio da Amazônia e da Mata Atlântica. As coberturas de árvores com galhos retorcidos e folhas e cascas grossas, relativamente esparsas entre a vegetação rala e rasteira, foram marcadas ao longo do tempo de forma negativa, como um ambiente hostil a ser ocupado e transformado.

Acreditamos que a localização da escola em área rural permite que 60,43% dos alunos conseguisse definir a vegetação da região como Cerrado; enquanto que na área urbana esse número decaiu para 17,27%. Na zona urbana aparecerem expressões depreciativas sobre o Cerrado como: “É um lugar com pouca chance de vida”, “Muito ruim. Não gosto. Gosto é de sombra e água fresca”, “É um lugar de mato, de entulho”, “Lugar que ninguém gostaria de ir, onde coisas boas não se encontram”, “Isso não é do meu tempo”, “Cerrado é uma pessoa que faz coisa errada, é um ser errado”; ou que estudou sobre “A tristeza que é o Cerrado” e que “O problema do Cerrado é a seca e a fome” e “ser sem urbanização”.

A residência em um ambiente rural onde o Cerrado está mais preservado reflete no gosto pelo Cerrado: 100% dos alunos gostam do Cerrado, enquanto que 46,04% dos estudantes da área urbana afirmaram não gostar do Cerrado. Assim a forma como estabelecemos nossa relação com o Cerrado está inerentemente associada com o modo como o percebemos.

A escola joga um papel fundamental na construção do conhecimento, que no caso específico do Cerrado poderia contribuir para sua valorização, conservação e preservação. Existe a necessidade de se considerar as idades, modalidades e diversidade sociocultural dos discentes, bem como a comunidade, o bioma e o território em que se situam a instituição dentro do currículo, especialmente no caso da EJA. Não obstante, tanto os livros didáticos quanto os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas (PPP) não contemplam tal necessidade, ao ponto de nem citarem o Cerrado nas discussões sobre o meio ambiente. A alegação de muitos professores é de que não existe material específico para EJA, ainda mais na perspectiva da EA, especificamente sobre o Cerrado, e que eles não tem tempo para se dedicar ao tema ambiental porque precisam cumprir com o currículo, mas a maioria não conhece os materiais produzidos pelo MEC e disponíveis no seu site.

O material didático utilizado nas escolas desconsidera uma das funções mais importantes da escola, seu poder de transformação e influência na comunidade na qual esta inserida; assim não atendem a Proposta Curricular do 1º segmento, a qual na área de Estudos da Sociedade e da Natureza busca desenvolver valores, conhecimentos e habilidades que ajudem os educandos a compreender criticamente a realidade em que vivem e nela inserir-se de forma mais consciente e participativa, contemplando o exercício da cidadania.

Os materiais didáticos utilizados nas escolas deveriam incentivar uma visão de mundo humanista, baseada no respeito, cooperação e sustentabilidade, uma vez que como se encontra na Proposta Curricular do 1º segmento, “o modo como os homens se relacionam com seu meio ambiente natural tem muito a ver com o modo como os homens se relacionam entre si, com a dinâmica da sociedade” (2001 p.197).

A educação ambiental surge justamente para reparar a relação desarmônica entre os seres humanos e dos seres humanos com os demais seres vivos e não vivos, restaurando o equilíbrio através da sensibilização e mobilização dos cidadãos. A educação ambiental deve estimular uma nova forma de encarar o papel do ser humano no mundo, por isso é urgente e necessário que todas as escolas a contemple no seu PPP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cerrado possui uma rica sociobiodiversidade e uma eco-história que não são reconhecidas nem valorizadas quer pelas políticas de proteção ambiental, quer pelas próprias populações que nele habitam, especialmente urbanas.

O modo como o ser humano reconhece e interage com o meio ambiente a sua volta depende da percepção ambiental, logo, a forma como lidamos com as coisas está ligada com a forma como as percebemos. Nossas ações estão vinculadas aos nossos valores e crenças. As atitudes estão atreladas ao olhar, a como vemos e percebemos algo. Assim, o comportamento do ser humano se dá pela conexão do meio ambiente e a cultura, interferindo na relação com o outro e com o lugar.

A percepção dos discentes sobre o Cerrado está intrinsecamente associada a como estabelecem sua relação com o bioma, conectando seus valores, costumes e atitudes. Essa também está interligada a visão mais geral que associa certas formas de natureza a atraso e pobreza em função das demandas para seu uso capitalista. A educação de qualidade tem a potencialidade de transformar essas percepções, uma vez que oferece conhecimentos científicos. Cabendo, também, ao professor dialogar esses conhecimentos com os saberes de populações tradicionais, com o lugar e a vivência do público escolar. As disciplinas e os projetos interdisciplinares devem trabalhar a temática como previsto em lei. Se a crise ambiental é uma crise de percepção, e a última é uma crise de educação, precisamos, também, urgentemente de implantarmos projetos de educação ambiental nas escolas para promovermos uma mudança nas percepções dos indivíduos sobre o Cerrado. Os motivos que levam a crise transpassam para representações sociais, logo existem outros conteúdos que precisam ser desconstruídos por isso a convivência é importante. Não obstante os processos de desconstrução exigem dos professores uma análise mais aprofundada da relação sociedade-natureza na sociedade em que vivemos.

Desse modo compreendemos que toda educação deve ser ambiental, portanto, toda educação deve estimular a percepção sobre o espaço, natural e construído, do qual fazemos parte, para torná-lo saudável. É preciso educar para uma vida sustentável, isto é, promover o entendimento de como os ecossistemas sustentam a vida e assim obter o conhecimento e o comprometimento necessários para construir comunidades humanas sustentáveis.

Em vista disso, enquanto homens e mulheres não se sentirem pertencentes à própria natureza, a sua essência e não existir autoeducação, sensibilização, não existirá proteção ao Cerrado.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

As minhas perspectivas futuras são voltadas para a área da educação. A cada dia tenho mais certeza que estou no caminho certo, o qual me faz feliz - ensinar, aprender e mediar.

Tenho como perspectiva profissional cursar um mestrado na área de Educação e passar num concurso para mesma área, sempre procurando fazer a diferença na vida daqueles que passarem por mim; procurando trabalhar sempre com ética, respeito, alegria e amor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Administração de Samambaia. Disponível em: <<http://www.samambaia.df.gov.br/>>. Acessado em 27 de julho de 2015.

BEISIEGEL, Celso de R. *Política e educação popular* (a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil) São Paulo: Ática, 1992, 304p.

BLOG DO PARQUE GATUMÉ. Disponível em: <<https://parquegatume.wordpress.com/>>. Acessado em 27 de junho de 2015

BRASIL. Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular -1º segmento / coordenação e texto final (de) Vera Maria Masagão Ribeiro. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Propostas de Diretrizes Nacionais para a Educação Ambiental, 2012.

BRASIL. Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento e das Queimadas no Cerrado. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, 2009.

BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 2, DE 15 DE JUNHO DE 2012, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. DOU nº 116, Seção 1, págs. 70-71 de 18/06/2012.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Educação, Natureza e cultura: ou sobre o destino das latas. in: ZARZKZEWSKI, S.; BARCELOS, V. (ORGS) *Educação Ambiental e Compromisso Social: pensamentos e ações*. Erexim, Edifapes, 2004. p. 163-174.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto. *Percepção e ambiente: aportes para uma epistemologia ecológica*. Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental, volume especial, mar.2013, FURG, Rio Grande-PR, p. 59-79.

CAPRA, F et al. *Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável*. São Paulo: Cultrix; 2006.

CERRATINGA. Disponível em: <<http://www.cerratinga.org.br/>>. Acessado em 03 de julho de 2015.

Conselho Cultura Samambaia. Disponível em: <<https://blogccs.wordpress.com/2014/06/18/conselho-cultura-samambaia-conhece-a-historia-do-parque-tres-meninas/>>. Acessado em 27 de julho de 2015.

CORRÊA, Rosângela Azevedo. *A Eco-história do Cerrado e as percepções sociais sobre a degradação na área de proteção ambiental das bacias do gama e cabeça-de-veado* (Distrito Federal). Linhas críticas, Brasília, v.7, num. 13, jul./dez. 2001.

CUNHA, A. S.; LEITE, E. B. *Percepção Ambiental: Implicações para a Educação Ambiental*. *Sinapse Ambiental*, p. 66-79, Belo Horizonte, setembro, 2009.

DANSA, C., Pato, C., Corrêa, R. *Educação ambiental e Ecologia Humana: Contribuições para um debate*. In *Ecologias Humanas*. Juracy Marques (org). Feira de Santana-BA: UEFS, 2014.

FIGUEIREDO, Paulo Jorge Moraes. *Sustentabilidade Ambiental: Aspectos conceituais e questões controversas*. Brasília, 2001.

- GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. *Índios no Brasil. In: As sociedades indígenas no Brasil através de uma exposição integrada*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994.
- MARIN, A. A.; LIMA, A. P. *Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental*. Pesquisa em Educação Ambiental 3(1): 203-222, 2008.
- MEADOWS, D. *Conceitos para se fazer educação ambiental*. Tradução e adaptação de Maria Julieta A. C. Penteado. Ed. Coordenadoria de Educação Ambiental da Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo - 2ª ed. revisada, sob coordenação de Suzana Pádua e publicada por IPÊ (Instituto de Pesquisas Ecológicas), MEC, SMA, UNESCO e UNICEF, 115 p. 1997.
- OLIVEIRA, Marta K. *Jovens e adultos como sujeitos de conhecimentos e aprendizagem* in: RIBEIRO, V. M.(org) Educação de jovens e adultos Novos leitores, novas leituras. São Paulo: Ação educativa, 2001.
- PENTEADO, Claudio Luis de Camargo; FORTUNATO, Ivan. *Crise ambiental e percepção: fragmentação ou complexidade?*. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA), Rio Grande, v. 24, p. 413-427, 2010.
- QUINTAS, José Silva – *Educação ambiental e cidadania in Ciclo de Palestras sobre Meio Ambiente*. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Fundamental, 2001, p.41-46.
- SÁ, Lais Mourão e CORREA, Rosângela. *O que é Educação Ambiental e Ecologia Humana*, DVD Alfabetização Ecológica: ABCERRADO, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2012.
- SANTOS, P. J. A. *Relação entre a percepção ambiental de docentes e discentes do ensino fundamental II de uma escola pública do semiárido paraibano com as características do bioma caatinga*. Revista Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande, v. 30, n. 1, p. 38 – 53, jan./ jun. 2013
- Secretaria do Meio Ambiente S.Paulo – *Conceitos para se fazer educação ambiental*. São Paulo: Coordenadoria de Educação Ambiental, 1997 (70–94).
- Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação. Disponível em: <<http://www.sedhab.df.gov.br/>>. Acesso em 26 de junho de 2015
- SILVA, Regina Aparecida; JABER, Michelle; SATO, Michèle. *Biosociodiversidade dos Cerrados brasileiros*. Brasília: UNB, 2012 (CD - Pedagógico).
- TUAN, Yi-Fu *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, (Tradução de Livia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2012.
- UNESCO. *Declaração de Hamburgo*. Alemanha, 1997.

ANEXO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1- Nome
- 2- Idade
- 3- Local de residência
- 4- Lugar de nascimento
- 5- Profissão
- 6- Segmento da EJA
- 7- Pra você o que é o Cerrado?
- 8- Você gosta do Cerrado?
- 9- Você come frutos do Cerrado?
- 10- Quais os animais do Cerrado que você conhece?
- 11- Quais as plantas do Cerrado que você conhece?
- 12- Você sabe dizer quais são os povos indígenas que vivem no Cerrado?
- 13- Alguma vez você usou alguma planta do Cerrado para curar alguma enfermidade?
- 14- Você costuma fazer alguma atividade no cerrado como pescar, fazer trilhas, tomar banho de cachoeira?
- 15- Se sim, aonde?
- 16- Você conhece algum parque que preserve o Cerrado como a Água Mineral? Se sim, qual?
- 17- Qual é a vegetação do Núcleo Engenho das Lages?
- 18- Existem nascentes na comunidade?
- 19- A comunidade cuida dessas nascentes?
- 20- O que mudou no ambiente da comunidade desde que você nasceu?
- 21- Na escola você estudou sobre o Cerrado?
- 22- Se estudou, o que as professoras ensinaram?
- 23- Você acha o que as professoras ensinaram é suficiente para conhecer sobre o Cerrado?
- 24- A escola festeja o dia do Meio Ambiente no dia 4 de junho?
- 25- Você já plantou alguma árvore? Se sim, qual? Aonde?
- 26- Você sabe nos dizer quais são os problemas que existem no Cerrado?
- 27- Você participa de alguma ação para a proteção e conservação do Cerrado? Se sim, qual?

- 28- Se não participa, você gostaria de participar de alguma ação que ajudasse a preservar o Cerrado?
- 29- O governo tem alguma ação para proteger o Cerrado na região?